DOIS PAPAIS / DUAS MAMÃES: REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADES FAMILIARES HOMOPARENTAIS NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL[1]

Magdiel Júnior da Silva[2]
Joseval dos Reis Miranda[3]

RESUMO

A literatura infanto-juvenil atual tem dado espaço a temas os mais variados, muitas vezes abordando a diversidade e as diferenças de gêneros e sexualidades[4], raças, entre outras temáticas ainda consideradas moralmente ou socialmente como tabus. Este estudo tem o objetivo de discutir a representação da identidade familiar homoparental em obras de literatura infanto-juvenil na perspectiva da teoria da representatividade de Stuart Hall (2016/2006). Utilizamos os conceitos de família (XIMENES, 2001; GEGALLA, 2005, AURÉLIO, 2010; FOUCAULT, 1989) e família homoparental (DOMINICI, 2014; PAGLIARI, 2015; PEREIRA, 2016), de representação (HALL, 2016) e de literatura infanto-juvenil (ARGÜELLO, 2005, FERNANDES, 2014; SILVA, 2014) como subsídios para a discussão sobre as identidades familiares homoparentais no âmbito literário. Para alcançar nosso objetivo, realizamos um mapeamento bibliográfico de obras literárias sobre a temática e, após uma seleção criteriosa de obras representativas, analisamos oito obras a partir do método de análise de conteúdo (BARDIN, 1977; FRANCO, 2007) para a interpretação do *corpus* da pesquisa. Os resultados desta pesquisa indicam um aumento de produções literárias acerca desta temática nos últimos anos, embora a acessibilidade às mesmas ainda seja difícil. Notamos que esse aumento revela mudanças sobre o conceito de 'família'. Apontou também que, mesmo com os esforços de setores sociais em aumentar a representatividade da família homoparental, sua existência como uma identidade familiar ainda parece estar muito vinculada à representações patriarcais (BUTLER, 1990, FOUCAULT, 1971) sutilmente presentes no discurso literário infanto-juvenil.

Palavras-chave: Família homoparental. Representatividade. Literatura infanto-juvenil.

1. INTRODUÇÃO

A difusão de representações literárias da diversidade de composições familiares constitui-se um veículo de inclusão de formas plurais de vislumbrar a noção de família e de identidade familiar na sociedade.

Apoiando-se no pressuposto de que o texto literário infanto-juvenil pode ser usado como ferramenta pedagógica para inclusão ou exclusão social de crianças e jovens (FERNANDES, 2014), o presente estudo tem como problema de pesquisa a representatividade da família

[1] TCC apresentado ao curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola - GDE, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

[2] Estudante do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. (NIPAM/CE/UFPB), *E-mail*: magdieljunior@hotmail.com

[3] Orientador: Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda (CE/UFPB), *E-mail*: josevalmiranda@yahoo.com.br

[4] Explicamos nossa escolha dos termos *gêneros* e *sexualidades* no plural pelo fato de entendermos gêneros e sexualidades como múltiplas formas de subjetivações dos sujeitos, baseando-nos na ideia de "multidões *queer*" de Preciado (2011 *apud* LIMA, 2014), que entende este conceito como "todo um processo de desterritorialização da heterossexualidade e desterritorializações de uma multiplicidade de modos de subjetivação que subvertem e/ou alargam a ordem estabelecida" (LIMA, 2014, p. 15).

homoparental na literatura infanto-juvenil em língua portuguesa, inglesa e espanhola, no período compreendido entre 2010 e 2021. Para isso, lançou-se mão das seguintes questões: a) O que se tem produzido em livros de literatura infanto-juvenil abordando representações familiares homoparentais, nos últimos onze anos? b) De que maneira os modelos familiares homoparentais estão representados nestas obras literárias?

Tendo em vista a noção de paradigma de pesquisa (CARVALHO, 2011, p.171-173), esta pesquisa, embora de cunho bibliográfico, sustenta-se nos pressupostos do Construcionismo Social (CARVALHO, 2011; HALL, 2016), que objetiva compreender e reconstruir a realidade a depender da forma e do conteúdo da pessoa que as representa e busca "conhecer o objeto, fenômeno ou evento a partir de dentro, da interpretação dos atores a partir de sua própria cultura" (CARVALHO, 2011, p. 171-172). Propomos como uma das hipóteses de análise a evidência de uma baixa representatividade na quantidade de produções literárias infanto-juvenil escritas em português, especialmente no Brasil, acerca da diversidade de identidades familiares, enfaticamente de famílias homoparentais, baseando-nos no escassa divulgação de livros literários que abordem a temática e na quase inexistência da mesma na educação escolar, nos baseando em nossas experiências como docentes e estudantes. Partimos do pressuposto de que essa temática ainda constitui um tabu social (DOMINICI, 2014; PAGLIARI, 2015; PEREIRA, 2016), levando em consideração o fato de que se tratando de obras geralmente destinadas a um público específico (crianças e jovens, pais/mães e docentes), tal temática é, comumente apagada ou excluída totalmente do espaço escolar e doméstico – ambientes mais propícios às práticas leitoras com crianças e jovens.

Diante disso, primeiramente discutiremos o conceito de família, procurando adentrar no que seria uma família *homoparental*. Logo em seguida, discutiremos o conceito de representação segundo a abordagem de Stuart Hall (2016). Depois, procuraremos estabelecer ligações entre a literatura infanto-juvenil e representações familiares homoparentais, embasando-nos na teoria da representatividade de Stuart Hall (2016) e nas contribuições de Argüello (2005), Silva (2014), Fernandes (2014), Dominici (2014) Pagliari (2015) e Pereira 2016 acerca do conceito de literatura e da relação da literatura – mais especificamente a literatura infanto-juvenil – com as representações de diversidade familiar. Desse modo, afirmamos nossa crença na importância da representação de identidades familiares diversas – a exemplo da família homoparental – na literatura como veículo de inclusão social e mobilização discursiva para a construção de uma identidade familiar homoparental.

Em seguida, mapearemos na literatura nacional e internacional, obras literárias infanto-juvenis produzidas no período de 2010 a 2021, em que identidades familiares homoparentais

estejam representadas. Posteriormente, analisaremos as representações desses modelos familiares presentes em oito obras, buscando conhecer as representatividade dessa temática na literatura infanto-juvenil produzida em língua portuguesa, inglesa e espanhola e as formas de representação das famílias homoparentais nas obras analisadas.

Finalmente, apresentaremos os resultados e considerações finais da pesquisa, reiterando o anseio deste estudo em contribuir para a reflexão sobre a necessidade de representação social da familiar homoparental como forma de valorização do sentimento de pertencimento e orgulho, entendidos por nós como mecanismos de construção de uma identidade própria a esta nova configuração familiar presente na literatura infanto-juvenil (DOMINICI, 2014; PAGLIARI, 2015; PEREIRA, 2016; ARGÜELLO, 2005, FERNANDES, 2014), inclusive a necessidade da presença dessa literatura em espaços escolares, tendo em vista que acreditamos que esta representatividade caracteriza-se como uma ferramenta de inclusão/exclusão social de crianças e jovens que vivem ou convivem com/entre esta configuração familiar.

2. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Esse estudo constitui-se uma pesquisa bibliográfica de caráter documental, em que segundo Lankshear e Knobel (2008), serão analisadas fontes primárias – obras literárias infanto-juvenis – no qual "os dados escritos incluem o potencial para proporcionar esclarecimentos contextuais e históricos de uma questão, evento, problema ou prática relevante para a educação" (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008, p. 211).

A coleta de fontes foi feita, incialmente, através de um mapeamento bibliográfico realizado entre julho e agosto de 2021, no *Google Scholar e* no *Google Books*, utilizando-se as combinações de palavras-chave "família homoparental*" and* "literatura infanto-juvenil"; "homoparentalidade" *and* "literatura infanto-juvenil" e "representação da família homoparental" *and* "literatura infanto-juvenil", apenas com o operador boleano '*And*'.

Os documentos encontrados pela primeira ferramenta de busca (artigos, dissertações e teses) tanto forneceram embasamento teórico para a discussão sobre as representações literárias de modelos familiares homoparentais quanto subsidiaram a busca pelas obras. Durante o levantamento bibliográfico, encontramos dois *websites* de organizações sociais americana[5] e

[5] *HRC Foundation's Welcoming Schools* (Fundação Escolas Inclusivas da Campanha pelos Direitos Humanos) é uma programa de desenvolvimento profissional americano que oferece treinamento e recursos para educadores do ensino fundamental, com o intuito de promover maior acolhimento familiar, criação de espaços de inclusão de estudantes LGBTQIA+, prevenção de *bullying* por preconceito, entre outras questões. (https://welcomingschools.org/about)

portuguesa[6] interessadas na promoção de visibilidade, respeito e igualdade de gênero, raça, orientações sexuais, credo entre outras temáticas. Como fruto desta descoberta, localizamos três catálogos de livros infantis e juvenis, contemplando temáticas LGBTQIA+ e, dentre elas, algumas que abordavam especificamente representações de modelos familiares homoparentais.

A busca na segunda ferramenta de busca (*Google Books*), auxiliou a localização de outras obras, além das que identificamos nos catálogos, assim como forneceu informações relevantes para a seleção das obras que constituiriam o *corpus* de análise, quais foram: resumos breves das obras e comentários de leitores/as, ano de publicação da obra, priorizando as obras mais recentes e acessibilidade às obras (facilidade de aquisição das obras em formato físico ou digital (valores e disponibilidade no mercado) e no caso de obras disponibilizadas gratuitamente – acesso para *download* ou leitura *online*.

Os dados foram analisados segundo a abordagem metodológica de análise de conteúdo de Bardin (1977) e Franco (2007), que propõem o movimento de análise em três fases: *pré-análise*, *exploração do material* e *tratamento dos resultados*. No primeiro momento, os dados coletados foram selecionados e organizados, estabelecendo-se critérios de inclusão e exclusão para a constituição do *corpus* de análise. A partir delas, realizamos a leitura flutuante para, logo em seguida, identificar-se unidades de registros que possibilitaram a elaboração de categorias analíticas (BARDIN, 1977, p. 68).

De acordo com Franco (2007, p. 36 [grifo nosso]), à análise de conteúdo cabe selecionar, analisar e categorizar "unidades de registros a serem enquadradas nas categorias [...] e classes de inferências que podem ser extraídas dos dados". Desse modo, nos pautamos no modelo de "elementos para elaboração do plano de pesquisa" para análise de conteúdo de Franco (2007, p. 39), e neste artigo propomos observar como a representação de identidades familiares homoparentais acontece no enredo, nas personagens e em temas presentes nas obras analisadas, tal como para quem o discurso ou, nas palavras da autora supracitada, as mensagens da *comunicação* é dirigida.

Encaminhando-nos por esta proposta metodológica, ao processo analítico adotado neste artigo nos interessou a produção de inferências capazes de relacionar alguns *temas* e características comuns entre *personagens* e situações vivenciadas (*acontecimentos*) por estas

[6] *A Casa Qui - Associação de Solidariedade Social* (http://www.casa-qui.pt) é um "Instituto Particular de Solidariedade Social (IPSS), foi fundada em setembro de 2012 por iniciativa de um conjunto de três pessoas especializadas na área da juventude e das questões da orientação sexual e identidade ou expressão de género" (Ver descrição completa na seção "Sobre Nós", disponível em http://www.casa-qui.pt/index.php/missao/sobre-nos) e catálogo de livros infanto-juvenis LGBTI disponível em: http://www.casa-qui.pt/images/docs/Literatura_Infantil_e_Juvenil_LGBTI.pdf.

nas obras. Apoiando-nos na proposta metodológica de análise de conteúdo de Bardin (1977) e Franco (2007), identificamos "unidades de registros" dos tipos "tema" e "personagem", as quais utilizamos como instrumentos para a construção de "categorias de análise" (BARDIN, 1977, p. 135-137; FRANCO, 2007, p. 41). A partir destas unidades de registro, formulamos as categorias analíticas *fascínio pela alteridade, estereótipos de gênero e sexualidade* e *pertencimento familiar*, que subsidiaram as interpretações das mensagens presentes nas obras analisadas.

Nessas circunstâncias, foi realizada a leitura integral das obras selecionadas e feito fichamentos. Conseguintemente, selecionamos indicadores temáticos a partir das falas e atitudes (preconceito à orientação sexual, estereótipos de gênero, orgulho familiar) descritos verbalmente ou por meio das ilustrações. Dado isto, elaboramos as categorias de análise *a priori* à vista de confrontarmos nossas hipóteses com os índices identificados no conteúdo das mensagens analisadas nos textos em questão e, em decorrência disto, buscamos descobrir possíveis respostas para a nossa problematização (FRANCO, 2007).

3. FAMÍLIA, REPRESENTAÇÃO E LITERATURA INFANTO-JUVENIL: ALGUMAS REFLEXÕES

Nesta seção, abordaremos o conceito de famílias, segundo as definições convencionadas pela linguagem comum para, logo em seguida, nos aproximarmos da concepção de família homoparental e sua relação com a representação na literária, especialmente, a literatura infanto-juvenil.

3.1. O conceito de 'família'

O conceito de família não parece ser algo simples de assimilar. Desse modo, inicialmente, recorremos à definição dicionarizada da palavra, em Ximenes (2001), Gegalla (2005) e no dicionário digital Aurélio (2010). O primeiro apresenta algumas definições do termo família como "*1. Conjunto de pessoas do mesmo sangue; 2. Conjunto formado por pai, mãe e filhos*" (XIMENES, 2001, p. 395). O segundo define família como "*1. Grupo de pessoas aparentadas que vivem sob o mesmo teto; 2. Filhos; 3. Grupo de ascendentes, descendentes, colaterais e afins de uma mesma linhagem*" (GEGALLA, 2005, p. 411). De acordo o Aurélio Digital (2010), algumas das definições de família são:

> 1. Pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos.
> 2. Pessoas unidas por laços de parentesco, pelo sangue ou por aliança.
> 11. *Sociol.* Núcleo constituído pela união entre dois indivíduos e pelos filhos nascidos ou agregados a partir dessa união.

> 13. *Sociol.* Grupo formado por indivíduos que são ou se consideram consanguíneos uns dos outros, ou por descendentes dum tronco ancestral comum e estranhos admitidos por adoção. (AURÉLIO DIGITAL, 2010, s/p).

Neste viés, percebemos que o conceito de família aparece que esteve (ou ainda está?), por muito tempo, associado a uma representação patriarcal e heteronormativa, principalmente a partir do momento em que, segundo Foucault (1989), a moralidade burguesa do século XIX aprisiona a sexualidade ao espaço doméstico, restringindo-a meramente a função reprodutiva, normatizando as práticas e vivências sexuais ao casal heterossexual e impondo um padrão único de família – padrão este que seguramente manteve (e mantém) um poder simbólico impregnado no inconsciente social através da representação na e pela linguagem (FOUCAULT, 1989; HALL, 2016).

Ressaltamos o fato de que apenas recentemente e, dentro de um contexto sociológico, o termo família foi designado como "núcleo constituído pela união entre dois indivíduos e pelos filhos nascidos ou agregados a partir dessa união" (AURÉLIO, 2010, s/p). Esta circunstância demonstra como a representação do "Outro", usando os termos Hall (2016), ou seja, de famílias "diferentes" da norma ainda parece algo restrito a um ambiente acadêmico, não fazendo parte do que nós poderíamos talvez chamar representatividade popular do conceito. Em *História da Sexualidade I:a vontade de saber*, Foucault (1989), questiona a noção de família, dizendo: "Seria a família do século XIX uma célula monogâmica e conjugal? Talvez, em certa medida. Mas ela é também uma relação de prazeres-poderes articulados segundo múltiplos pontos e com relações transformáveis" (FOCAULT, 1989, p. 46).

Para Pereira (2016, p. 26), a família constitui-se o primeiro acesso da criança ao mundo. É através dela que a criança conhece os princípios morais e os valores sociais que formarão suas convicções, suas crenças e representações da realidade.

3.2. A Teoria da Representatividade na abordagem de Stuart Hall (2006/2016)

A concepção de representação, segundo a proposta de Stuart Hall (2016), sustenta-se nas identidades, subjetividades e conhecimentos dos sujeitos, uma vez que a *realidade*, segundo o autor, constitui-se de sentidos apropriados, significados e ressignificados por estes sujeitos através da linguagem. De modo que estes sentidos não podem se manifestar fora dos conceitos e das imagens que constituem a própria cultura, identidade e formações discursivas dos sujeitos.

Nessa perspectiva, a representação vai além da ideia de um espelho metafísico, unívoco e irrefutável da realidade (HALL, 2016). Pelo contrário, segundo a proposta de Hall (2016), o processo representacional de uma dada realidade parece estar atravessado por filtros

contextuais, formações discursivas, imagéticas que são expressas *na* e *pela* linguagem. Nesse viés, a concepção de representação está implicada às subjetividades dos indivíduos. Em relação a este conceito, Hall (2016), diz:

> Desde a "virada cultural" nas ciências humanas e sociais, contudo, o sentido é visto como algo a ser *produzido* – construído em vez de simplesmente "encontrado". Consequentemente, circunscrita ao que veio a ser chamado de "abordagem social construtivista" ou "construtivismo social", a representação é concebida como parte constitutiva das coisas (HALL, 2016, p. 25).

Em vista disso, a constituição das estruturas conceituais, das crenças e das imagens mentais dos indivíduos incidem na representação das práticas sociais desses sujeitos, por conseguinte, na produção de sentidos operada na/pela linguagem. A linguagem, então, configura-se como um mecanismo representacional que constrói os sentidos das coisas e dos fenômenos sociais. A partir dessa perspectiva, podemos dizer que a linguagem literária é, por sua vez, capaz de significar e ressignificar sentidos a partir de elementos representacionais que constroem identidades para os sujeitos na realidade ficcional e atual. Por esta via, poderíamos pensar a noção de representatividade de identidades familiares.

Nesta linha de raciocínio, nos orientamos a partir da proposta da teoria da representatividade de Stuart Hall (2016), no sentido de que entendemos que as formas representacionais possíveis de família ou de identidade familiar na mente infantil é construída a partir das percepções e vivências delas dentro da sociedade, pelo contato familiar e pelos artefatos culturais com os quais a criança tem contato, quais sejam a mídia, as artes e a própria literatura (ARGÜELLO, 2005; DOMINICI, 2014; PAGLIARI, 2015; PEREIRA, 2016). Este fato muito provavelmente implicará diretamente em sua compreensão acerca de quais configurações ou modelos familiares são socialmente concebidos como "normais", assim como em sua concepção de *identidade familiar*.

> A(s) Identidade(s) pode(m) ser entendidas como os meios socioculturais pelos quais indivíduos de uma sociedade são representados. Segundo Argüello (2005, p. 31), "a identidade tem a ver com a representação, que deve ser compreendida como um processo cultural em que significados são produzidos". Desse modo, os diversos aspectos sociais e culturais que diferenciam variados grupos de indivíduos podem ser compreendidos como identidade. Ao se falar em identidade de gênero não se deixa de falar sobre o "ser homem" ou "ser mulher", visto que tais concepções parecem estar 'naturalizadas' no inconsciente de quase todas as sociedades. (SILVA; ARAÚJO, 2019, p. 24)

Falar em identidade, então, é falar de representação, isto é, de como os indivíduos se posicionam politicamente, discursivamente, "performaticamente" enquanto sujeitos gendrados e sexualizados (BUTLER, 1990) em função de um sistema de representação profundamente atrelado às relações de poder que perpassam suas existências como sujeitos de gênero e de sexo,

no qual concordamos com Hall (2006, p. 38), quando afirma que "a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo., através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento".

Nessa direção, a compreensão da relação entre identidade familiar, a própria noção de família e as dimensões representacionais as quais estes conceitos são moldados em contextos específicos (mídia, literatura, artes plásticas, entre outras) é de suma importância, quando se trata de representatividade de famílias homoparentais, ou seja, famílias constituídas por dois pais ou duas mães ou ainda por famílias em que um/a dos/as genitores/as, tendo prole proveniente de relacionamentos anteriores com pessoa do sexo oposto, mantém uma nova relação de vínculo afetivo-familiar com outra/o parceira/o de mesma orientação e, geralmente há uma relação de troca afetiva entre os/as filhos e o/a novo/a cônjuge.

As imagens representacionais hegemônicas de família mostram como a existência do "Outro" (configurações familiares "não-normais"), sendo sujeitos marginalizados, constituem uma enorme dificuldade de compreensão do fenômeno social denominado "família homoparental*",* pelo fato de esta ser dissonante dos padrões representativos do conceito de família na mente da maioria das pessoas. Portanto, são muitos fatores culturais e sociais que dificultam a aceitação das diferenças – Os valores morais de determinados grupos religiosos, por exemplo.

A representatividade de novas configurações familiares parece ser um dos mecanismos sociais responsáveis pela aceitação ou negação da identidade familiar homoparental. Por este ângulo, pode-se dizer que a literatura, em especial a literatura infanto-juvenil, pode assumir o papel de veículo representacional desse modelo familiar, estabelecendo uma identidade e sentimento de pertença. Para isto, devemos entender minimamente o próprio conceito de literatura e suas funções no intuito de relacioná-la à ideia de instrumento representacional de identidades e, no caso deste artigo, da identidade familiar.

3.3. Literatura e Literatura infanto-juvenil como mecanismos representacionais

Mudam-se os moldes, os suportes, mas permanece a mágica, o encantamento, o estranho poder que esta instância representacional – a literatura – exerce sobre todos os povos, culturas, tradições de tempos e lugares distintos através da linguagem e do discurso. De acordo com Silva (2014, p. 59), "o conceito de literatura depende de uma situação histórica e ponto de vista de quem conceitua". Nesse sentido, Silva (2014, p. 59) em consonância com o pensamento de Lajolo (1995, p. 18) aponta que esta instabilidade conceitual é resultado da dependência cultural

e contextual, geralmente instâncias exteriores "especializadas" são admitidas academicamente e socialmente para delimitar o que se entende por literário ou não literário.

O texto literário parece imortalizar o discurso. Imortalizar porque uma vez cunhado e transmitido às gerações posteriores, não pode mais ser negar sua existência como registro do que se pretendeu dizer (ou ocultar?) a quem foi destinado. Ao mesmo tempo, não se pode esquecer que este mesmo texto literário é – quando não procura manter a hegemonia das "formações discursivas" vigentes – capaz de modificar ou ao menos suscitar mudanças no mundo "real" por meio da linguagem. Melhor dizendo, ele parece ter a capacidade de manter ou modificar a realidade cognoscível dos sujeitos sociais através de representações discursivas presentes no mundo ficcional. Essas representações legitimam ou deslegitimam manifestações humanas, conferindo-lhes posições de poder ou marginalização, ou colocando-as no "lugar da *diferença"*, sem cuja existência seria impossível termos "a *norma*" (HALL, 2016, p. 34; ARGÜELLO, 2005, p. 76)

A natureza ficcional do conto, do romance, da novela, da estória, ou de qualquer que seja a narrativa ficcional nasce e desenvolve uma existência própria, independente da atualidade do real. Silva (2014, p. 66) atribui isto à questão da literariedade, a que define como "todo recurso linguístico que indica que um texto não é um texto qualquer, mas um texto literário".

Entretanto, a realidade ficcional do texto literário pode assumir a função de representação da realidade *atual* no imaginário de todos(as) leitores(as), tal qual o filósofo Pièrre Levy (2011) mostra que a realidade virtual nas redes sociais e jogos *online* são representações do "real" – embora este "real virtual" constitua uma hiperdimensão complexa e *desterritorializada* da realidade material, alcançando terrenos conceituais que ultrapassam os limites do "real" tangível (atual). Nas palavras do o autor:

> [...] "o virtual, rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se do contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a plenitude da presença física imediata" (LEVY, 2011, p. 12 [grifos nosso]).

Nesse ínterim, o fato de estarmos cientes do poder simbólico e abrangente da linguagem literária, no entanto, ainda não nos fornece subsídios suficientes para compreender a imprecisão e instabilidade deste conceito, que por sua vez, aumenta ainda mais quando fala-se de literatura infantil e juvenil, uma vez que se já é difícil compreender a própria concepção de texto literário, imagine definir um tipo de literatura delimitada em faixas etárias. Citando Vidal (2008), Pagliari (2015), nos mostra uma das definições de literatura infantil:

> Conforme destaque de Vidal (2008, p. 43), "a literatura infantil teve suas origens nas histórias de adultos, sendo que estas passaram por adaptações para serem contadas as

> crianças, até chegarem ao status de histórias específicas à infância". Estas adaptações foram realizadas no sentido de dar pureza e simplicidade às histórias, além de torná-las politicamente corretas, ou seja, de acordo com as exigências da sociedade (PAGLIARI, 2015 p. 43).

Porém, segundo Fernandes (2014, p. 1 [grifo nosso]), "a literatura infantil e juvenil [...] deixou de ser concebida como instrumento pedagógico e moralizante [e] cumpre um papel estético e social de formação de leitores". A linguagem literária, portanto, pode assumir uma função social no sentido de que opera como instrumento representacional e constituidor de identidades (FERNANDES, 2014; MAGALHÃES, 2019). Desse modo, é possível pensar que a literatura infanto-juvenil pode operar tanto como um espaço de fruição e deleite das subjetividades das crianças e jovens, como também uma ferramenta de inclusão ou exclusão desses sujeitos sociais, uma vez que esta não deixa de ser um forte veículo representacional da vida e da realidade familiar de muitas dessas crianças e jovens.

Nesse viés, a seção a seguir apresentará um mapeamento de obras literárias infanto-juvenis que abordam as chamadas "novas famílias", trazendo representações de modelos familiares homoparentais.

4. REPRESENTAÇÕES FAMILIARES HOMOPARENTAIS EM LIVROS DE INFANTO-JUVENIL EM LÍNGUA PORTUGUESA, INGLESA E ESPANHOLA

O texto literário é certamente um rico canal de acesso a múltiplas interpretações do mundo imaginado e real. Por esse lado, a literatura infanto-juvenil pode ser compreendida como um limiar de possibilidades de encantamento, deleite e reflexão sobre as coisas do mundo e suas representações, para crianças, jovens ou adultos de quaisquer idades, gêneros, etnias, classes socais. Nesta seção, apresentaremos os resultados do mapeamento de obras literárias infanto-juvenis que abordam a temática da família homoparental, realizado para a constituição do *corpus* de análise deste artigo, assim como discutiremos o conceito de representatividade de modelos familiares homoparentais presente em oito das obras mapeadas.

4.1. Mapeamento das obras

De acordo com Magalhães (2019) e Lopresti e Shnaidman (2017), partir de 2010, houve um aumento considerável de produções literárias para o público infanto-juvenil com representações das chamadas '"novas famílias" na literatura infantil contemporânea, em especial as ligadas à homossexualidade" (MAGALHÃES, 2019, p. 516), fato que coaduna com a asserção de Domici (2014):

> Nas duas últimas décadas, houve uma explosão de oferta de títulos infanto-juvenis, tanto de autores brasileiros como estrangeiros. Os temas do gênero são tão variados quanto os problemas com que se defronta na atual sociedade, incluindo assuntos ligados ao sexo, desde como nascem os bebês até crianças que hoje possuem dois pais ou duas mães (DOMINICI, 2014, p. 13).

No mapeamento, identificamos setenta e duas obras localizáveis no *Google Books* e disponíveis em lojas virtuais. Sendo elas produzidas entre o período de 2010 a 2021, e direta ou indiretamente, traziam representações de famílias homoparentais em seu enredo. Destas obras, sessenta e duas são escritas em inglês, oito em espanhol e dez em português.

Deste mapeamento, foram selecionadas oito obras representativas, sendo estas apresentadas nos quadros 1, 2 e 3. Para esta seleção, utilizamos três critérios: Em primeiro lugar, o critério temporal, do qual delimitamos o período de 2010 a 2021 como o escopo cronológico de nosso mapeamento. Em segundo lugar, o de pertinência à audiência, sendo esta acadêmica (pesquisadores/as da temática e professores/as) e leiga (crianças/jovens em idade escolar e até pais/mães interessados/as pela temática), observando as críticas destes grupos às obras através de resenhas de leitores/as e sites especializados. Por fim, em terceiro lugar, o critério de acessibilidade a essas obras, considerando a fácil disponibilidade das obras em canais de venda e acessibilidade de preços a um público maior, além da possibilidade da existência de disponibilidade gratuita de algumas das obras (por meio digital para *download* ou leitura em páginas virtuais) – embora desta última possibilidade identificamos apenas duas obras, sendo, no entanto, apenas uma delas elegível aos demais critérios de validação para a constituição do *corpus* de análise.

Quadro 1 – Obras em Língua Portuguesa

Título da obra	**Autor(a)**	**Ilustrador(a)**	**Ano / País**	**Editora**	**Idioma**	**Personagens**
Mãe não é uma só, eu tenho duas!	Nanda Mateus e Raphaela Comisso	Veridiana Scarpelli	2021 (Brasil)	Saíra Editorial	Português	Malu; Mami Dora e Mamá Lara
Minha família é uma festa	Fernando Baptista	Remo Marini	2020 (Brasil)	Saíra Editorial	Português	Pedrinho; Henrique e Bruno (pais); Marcela e Enzo (amigo/a)
Meus dois pais	Walcyr Carrasco	Ana Matsukasi	1 ed. 2010 2 ed. 2017 (Brasil)	Ática – 1 ed. Saíra Editorial – 2 ed.	Português	Naldo; sua mãe; seu pai, Celso (namorado do pai); sua avó; amigos/as da escola

Fonte: Elaborado com base nas informações prestadas pelo *Google Books* (https://books.google.com.br/) e pela loja virtual *Amazon* (https://www.amazon.com.br/).

É interessante destacarmos que entre as obras escritas em língua portuguesa, observamos uma quantidade mais representativa de obras produzidas em Portugal – que podem

ser verificadas no apêndice A ao final do artigo. Entretanto, optamos pela seleção de obras brasileiras, dada a constatação de uma representatividade muito menor destas e pela dificuldade de acesso às portuguesas pelo alto custo de aquisição e seu difícil acesso nas livrarias físicas ou virtuais brasileiras.

Quadro 2 – Obras em Língua Espanhola

Título da obra	**Autor(a)**	**Ilustrador(a)**	**Ano / País**	**Editora**	**Idioma**	**Personagens**
Mi conejo Mirlo	Sofía Olguín	Lyn Chan	2013 (Argentina)	Bajo el Arcoíris	Espanhol	Leila; Papá Diego e Papá Raul
Nicolás tiene dos papás	Leslie Nicholls y Ramón Gómez	Roberto Armijo	2014 (Chile)	Movilh	Espanhol	Nicolás, Sebastián e Pablo (pais); mãe, colegas da escola.

Fonte: Elaborado com base em Llopresti e Shnaidman, (2017) e nas informações prestadas pelo *Google Books* (https://books.google.com.br/).

Durante o processo de mapeamento, constatamos que as obras de língua espanhola parecem apresentar uma quantidade mais vasta de produções, se comparadas a partir de períodos anteriores, porém, como esclarecido anteriormente, utilizamos o critério cronológico de delimitação entre os períodos de 2010 e 2021. Deixamos transparente também, o fato de que as obras nesta língua, assim como as portuguesas, mostraram-se de difícil acesso tanto em razão da dificuldade de encontra-las no mercado literário como seus altos preços, fator que muito provavelmente implicam na baixa representatividade de tais livros nas escolas e no acesso público em geral, sinal que corrobora com nossa hipótese inicial.

Quadro 3 – Obras em Língua Inglesa

Título da obra	**Autor(a)**	**Ilustrador(a)**	**Ano / País**	**Editora**	**Idioma**	**Personagens**
A Tale of Two Daddies	Vanita Oelschlager	Kristin Blackwood, Mike Blanc	2010 (Estados Unidos)	Vanita Books	Inglês	Crianças; seus pais; amigos/as
A Tale of Two Mommies	Vanita Oelschlager.	Kristin Blackwood, Mike Blanc	2011 (Estados Unidos)	Vanita Books	Inglês	Crianças, suas mães; amigos/as
My two Mommies and Me	Michael Joosten	Izak Zenou	2019 (Estados Unidos)	Random House Children's Books	Inglês	Crianças; suas mães; amigos/as

Fonte: Elaborado com base nas informações prestadas pelo catálogo da Fundação Escolas Inclusivas da Campanha pelos Direitos Humanos *HRC* (*Foundation's Welcoming Schools*) e através de dados complementares encontrados no *Google Books* (https://books.google.com.br/) e na loja virtual *Amazon* (https://www.amazon.com.br/).

Em relação a quantidade de obras escritas em língua inglesa, notamos um nítida discrepância em relação às em português e espanhol. Este dado nos leva a crer que é possível que a maior representatividade de obras nesta língua revela uma maior aceitação das "novas configurações familiares e a visibilidade que essas conquistaram" (PEREIRA, 2016, p.11) em

países em que esta língua é falada. Por esse ponto de vistam, podemos entender que as múltiplas representações de famílias, entre as quais a homoparental, favorecem a construção de um sentido de identidade familiar diferente da "norma" (HALL, 2016, PAGLIARI, 2015). Isto corrobora com o pensamento de Argüello (2005, p. 31) em que "as novas formas de entender a identidade (como um produto cultural) permitem analisar processos educativos que também colocam as identidades em determinadas posições de sujeitos"

4.2 Resultados e discussões

De acordo com Silva (2014), a literatura pode assumir diversas funções, entre as quais a estética, a humanizadora, a educativa e a social ou conscientizadora. A primeira refere-se a capacidade que o texto literário tem de provocar sensações no/a leitor sem necessariamente ter uma função utilitária ou pragmática. Em relação a função humanizadora e educativa, Silva (2014) concorda com Cândido (2004), no sentido de que aponta para a competência "instrutiva e educativa" que a literatura – entendida como "todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura exerce em todas as sociedades" (*op.* 2004, 176). No que concerne à função conscientizadora, a literatura assume o papel de "provocar reflexão e o convidar o/a leitor/a ao exercício da cidadania (SILVA, 2014, p. 13). Desse modo, a literatura configura-se como uma das maneiras de manifestação da linguagem capaz de transformar ações humanas.

Neste paradigma, Argüello (2005), em harmonia com Hall (2016) e Foucault (1971), entende que a linguagem pode ser utilizada como "instrumento de poder que permite fundar, dar sentido, incluir, marginalizar, criar efeitos de verdade" (ARGÜELLO, 2005, p. 70). A mesma autora ainda aponta que a linguagem literária toma o discurso e, por meio dele, pode operar como causa e efeito das representações do discurso hegemônico. Lopresti e Shnaidman (2017), comungam da ideia, afirmando que "a linguagem ocupa um papel fundamental na consolidação de valores e pensamentos de uma sociedade, uma vez que não apenas constrói realidades, mas também transmite e reforça os estereótipos e papéis considerados apropriados em uma época". [7]

Nessa perspectiva, não podemos deixar de levar em consideração a influência da linguagem literária na formação de pensamentos dos sujeitos sociais sobre o mundo. Dessa maneira, é possível afirmar que a literatura infanto-juvenil – historicamente associada à função

[7] el lenguaje ocupa un rol fundamental en la consolidación de valores y pensamientos de una sociedad, ya que no solo construye realidades sino que también transmite y refuerza los estereotipos y roles considerados adecuados en una época (LOPRESTI; SHNAIDMAN, 2017, p. 71 [tradução nossa]).

educativa, embora esta não fosse (ou não seja) sua finalidade inicial, mas sim a de fornecer explicações e saciar a curiosidade pueril sobre as coisas do mundo, quer dizer, os fenômenos naturais e sociais – também pode ser entendida como ferramenta de representações normalizadoras ou estereotipadas do mundo real para crianças, jovens e (futuros) adultos.

Entretanto, devemos deixar claro que o intuito deste artigo não é apreciar esteticamente ou fornecer juízos de valor em relação às obras analisadas, mas tão somente analisar aspectos relativos à representações de famílias homoparentais na literatura infanto-juvenil, estabelecendo elos comparativos que possibilitem a categorização de elementos em comum entre elas, que por sua vez, ofereçam indicativos da presença de marca de uma identidade familiar homoparental.

Produções literárias infanto-juvenis atuais já abordam as chamadas "novas famílias", trazendo representações de modelos familiares homoparentais, isto é, a grosso modo, famílias em que os responsáveis da criança têm parceiro ou parceira de mesma orientação sexual ou, geralmente, o caso de pais ou mães homossexuais/lésbicas de crianças advindas de relacionamentos anteriores com parceiros de sexo oposto. Estas produções provavelmente foram impulsionadas pelo interesse atual acerca das relações de poder, gênero e sexualidade, embora sua inserção no universo escolar seja permeada por diversos e complexos problemas de ordem político-social.

A obra infanto-juvenil brasileira *Meus dois pais* (2017), escrita por Walcyr Carrasco e ilustrada por Ana Matsusaki, lançada em sua segunda edição pela editora Moderna. O livro apresenta a vida de Naldo, uma criança que vivencia o processo de separação dos pais com naturalidade, mas que não consegue lidar muito bem com a descoberta da homossexualidade de seu pai, até desconstruir estereótipos sobre isto com apoio da mãe. A obra também mostra às crianças e jovens a diversidade de famílias, entre elas a configuração familiar homoparental, vivida por Naldo, seu pai e Celso, companheiro de seu pai.

Iustração A – Meus Dois Pais

Fonte: Carrasco (2017)

Mãe não é uma só, eu tenho duas! (2021), de Nanda Mateus e Raphaela Comisso e ilustrada por Veridiana Scarpelli e *Minha família é uma festa* (2020), de Fernando Baptista com ilustrações de Remo Marini, ambas lançadas pela Saíra Editorial são obras infantis bem recentes que tratam, de maneira lúdica e descontraída, situações comuns e corriqueiras da vida de crianças que vivem em configurações familiares homoparentais, além de abordar o tema da adoção. As obras revelam o orgulho e o sentimento de pertencimento de crianças que vivem nessa configuração familiar.

Iustração B – Mãe não é uma só, eu tenho duas!

Fonte: Mateus e Comisso (2021)

Iustração C – Minha família é uma festa

Fonte: Baptista e Marini (2020)

Neste mesmo cenário, temos também a obras chilena *Nicolás tem dois pais* (2014)[8], obra chilena de autoria de Leslie Nicholls e Ramón Gómez com ilustrações de Roberto Armijo, lançada pela editora Movilh e a argentina *Meu coelho Mirlo* (2013)[9], escrita por Sofía Olguín e ilustrada por Lyn Chan pela editora Bajo el Arcoíris, conhecida por publicar obras voltadas para temáticas acerca de gênero e questões relativas à comunidade LGBTQIA+ . O enredo de ambas discute basicamente retrata o cotidiano das crianças com seus dois pais, retratando, o amor e o carinho recebido pela família.

Ilustração D – Nicolás tiene dos papás

Fonte: Nicholls e Ramón Gómez (2014)

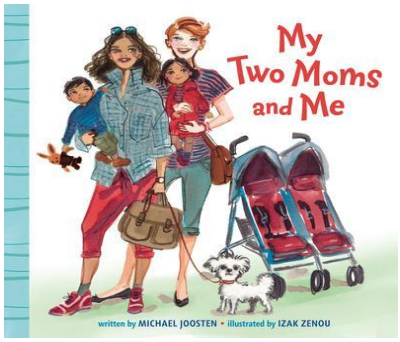
Ilustração E – Mi conejo Mirlo

Fonte: Olguín e Chan (2013)

[8] No original *Nicolás tiene dos Papás* (NICHOLLS; GOMEZ, 2014[tradução nossa]).
[9] No original *Mi conejo Mirlo* (OLGUÍN, 2013 [tradução nossa]).

No mesmo rol, o livro digital infantil americano *Minhas duas mães e eu* (2019)[10], de autoria de Michael Joosten e ilustrações de Izak Zenou, publicado pela Random House Children's Books. A obra mostra, de forma humorada o dia a dia de crianças pequenas e sua rotina junto às mães.

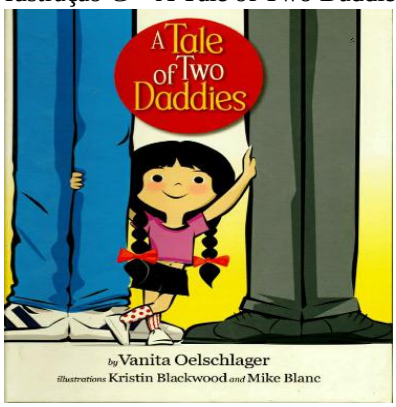
Iustração F – My Two Moms and Me



Fonte: Joosten e Zenou (2019)

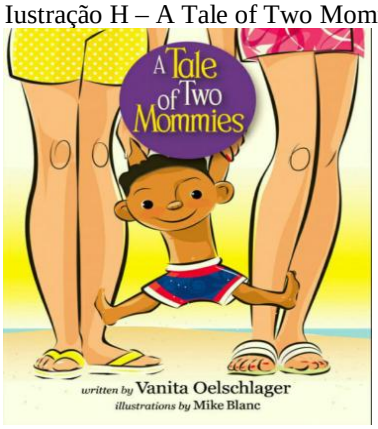
Um Conto de Dois Pais (2010)[11] e *Um Conto de Duas Mães* (2011)[12], de Vanita Oelschlager. Ambas as histórias narram a curiosidade de outras crianças em relação à família dos/as protagonistas (filho/a de casais homossexuais) são contadas em forma de diálogo entre crianças, narradas com linguagem simples e rimada, expressando certa musicalidade e características da oralidade, próprias das historinhas infantis, tal como Argüello (2005, p. 85) afirma: "a literatura infantil vem da tradição oral, já que desde os tempos remotos contavam-se contos para as crianças".

Iustração G – A Tale of Two Daddies



Fonte: Oelschlager *et al.* (2010)

Iustração H – A Tale of Two Mommies



Fonte: Oelschlager Blanc (2011)

[10] No original *My two Mommies and Me* (JOOSTEN, 2019 [tradução nossa]).
[11] No original *A tale of Two Daddies* (Oelschlager, 2010 [tradução nossa]).
[12] No original *A tale of two Mommies* (Oelschlager, 2011 [tradução nossa]).

A fim de sintetizarmos o processo de mapeamento e seleção das obras acima descritas, podemos dizer que constatamos alguns aspectos convergentes entre as obras, não apenas em relação à homogeneidade temática da representação de famílias homoparentais, mas também quanto à evidência de elementos peculiares que se interseccionam[13] à temática, tais como a representação da diversidade racial.

Podemos observar nas capas dos livros, que sempre há uma criança(s), que geralmente aparece(m) no centro da ilustração acompanhada(s) de seus/as dois pais ou duas mães. Notamos também, que algumas das produções representaram a criança ou um dos/as pais/mães negro/a, contrapondo representações arcaicas de famílias na literatura infanto-juvenil, em que geralmente todo o núcleo familiar é branco, embora no que concerne à marcadores de classe, observamos uma predominância de sujeitos com estilos de vida, que demonstram, provavelmente pertencerem à classe média.

Em relação ao contexto de produção das obras, a que levamos em consideração como "unidade contextual" durante o processo de "codificação" das mensagens presentes na narração das obras (BARDIN, 1971, p. 134-135), notamos semelhanças bem perceptíveis entre obras mais recentes como as de Baptista e Marini (2020), Mateus e Comisso (2021), Joosten e Zanou (2019) em relação às mais antigas no que concerne às formas representacionais assumidas pelas famílias nos enredos. Enquanto as primeiras parecem assumir uma postura mais comprometida com a formação da imagem de uma identidade familiar através da "naturalização" de rotinas e ritos familiares comuns a qualquer família independente de sua configuração, essas últimas parecem assumir uma preocupação didática e de caráter mais informativo sobre a existência dessas famílias como identidades familiares, suprimindo a própria beleza estética da narração literária em prol do que chamaremos de uma 'didatização político-identitária' concebida como âmago da representação da família homoparental no texto literário infanto-juvenil (LOPRESTI; SHNAIDMAN, 2017; HALL, 2006/2016; PAGLIARI, 2015).

[13] Ao falarmos em raça e, paralelamente, juntarmos isto a outros marcadores sociais, como identidade sexual, identidade(s) de gênero devemos levar em consideração como estes/as homens e mulheres ou sujeitos não binários se posicionam, ou mesmo são "categorizados", quanto à sua raça, etnia, sexualidade (no sentido de expressar ou não seus desejos, suas práticas, sua orientação sexual). Falar em intersecções é falar em como os marcadores sociais configuram-se em uma forma de expor como suas posturas, suas escolhas e mesmo suas características genotípicas e fenotípicas refletem na construção de paradigmas sociais e ideológicos que regulam suas vidas, que refletem nos comportamentos, nas atitudes, nos fatos sociais. Nas palavras de Akotirene (2019, p. 35) "interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais.". Assim, compreendemos interseccionalidade como mecanismo representacional da coexistências de inúmeras singularidades que formam o todo social, constituído de múltiplas identidades que se coaptam em vários níveis, interseccionalizando-se (AKOTIRENE, 2016; HALL, 2006).

4.2.1 O "Outro" e fascínio pela alteridade

Segundo Hall (2016), as "diferenças" são elementos constituintes e essenciais a todo processo representacional. O autor afirma que as identidades são construídas discursivamente por meio do que ele denominou "diferença" ou "Outro". Nessa deixa, podemos entender que a ideia de família deve, portanto, ser construída a partir da identificação dos sujeitos que representam e que são representados culturalmente dentro de uma sociedade.

A literatura é um mecanismo representacional da vida social, que consegue mobilizar efeitos discursivos que produzem sentidos para o/a leitor/a. Hall (2016) resgata a concepção Foucaultiana de sujeito sujeitado pelo discurso, apontando que o sujeito é produto do discurso. Desse modo, a representação literária de identidades familiares condiciona o sujeito a estabelecer sentidos à realidade e, nesse caso, a própria noção de identidade familiar conforme as representações que o discurso hegemônico lhe oferece.

Minha família é uma festa (2020), de Fernando Baptista é uma obra inicialmente para um público infantil, que aborda, de maneira leve e espontânea, o tema da homoparentalidade. O enredo trata de uma festa da qual Pedrinho, garoto de quatro anos, apresenta sua família para os/as amigos/as. Durante a festa, uma amiguinha do menino, percebendo a ausência da mãe do amigo, pergunta-lhe sobre ela. O menino a responde que tem dois pais, fato que provoca espanto na garota:

> Minha amiga Marcela e meu amigo Enzo vieram comigo porque queriam conhecer minha família. Chegando lá, a Marcela perguntou para mim:
> - Ué... cadê sua mãe? Ela não veio?
> - Então eu expliquei: – É que tenho dois pais. Ela me olhou com uma cara de espanto e curiosidade (BAPTISTA; MARINI, 2020, p. 14-19)

Verificamos que a estranheza e a surpresa da menina com "o diferente", embora levando-se em consideração a natureza curiosa das crianças, remete-nos a alguns questionamentos sobre as possíveis motivações que geraram tal admiração. De acordo com Hall (2016, p.156), "a marcação da "diferença" é, portanto, a base da ordem simbólica que chamamos de cultura".

Nessa perspectiva, aludimos o espanto da menina ao descobrir que seu colega tinha dois pais, ao invés de um pai e uma mãe, à representação de identidade familiar que ela possuía em seu repertório cultural e representacional acerca do conceito de 'família', que certamente compreendia este conceito a partir do núcleo familiar tradicional.

O mesmo fenômeno pode ser constatado em *Um Conto de Dois Pais* (2010)[14] e *Um Conto de Duas Mães* (2011)[15], de Vanita Oelschlager. A primeira narrativa retrata situações corriqueiras da vida da narradora personagem. O enredo apresenta uma garotinha (que não é nomeada) conversando com seu amigo, em todo decorrer da história, acerca da rotina da garota com os dois pais, uma vez que o menino, ao descobrir através de outro colega que a menina tinha uma família 'diferente' do 'normal' ficou curioso para saber o que cada um dos pais faz para menina no cotidiano familiar.

> - Meu amigo Lincoln disse que você tem dois pais.
> - Isso mesmo. *Papá* e *papi.*
> - Qual de seus pais faz tranças em seu cabelo? Qual deles te abraça quando você está com medo?
> - *Papá* é quem me faz tranças. *Papi* está lá quando estou com medo.
> (OELSCHLAGER, 2010, p. 2-3 [grifos nossos])[16][17]

Na segunda história, nos deparamos, inicialmente, com um menino (que também não é nomeado) passando um dia na praia em família, brincando com os amiguinhos e tirando a curiosidade dos coleguinhas, que ao saberem que ele tem duas mães, o questionam sobre o papel de cada uma dos mães do garoto no seu dia-a-dia.

> - Se você tem uma *mamá* e uma *mami*, quem conserta as coisas quando quebram?
> -Ah, *Mami* tem todas as ferramentas. Não há nada que ela não possa consertar ou fazer.
> -Qual de suas mães anda de bicicleta com você? E qual delas empina pipa com você?
> -*Mamá* é quem gosta de andar de bicicleta. Ela também empina pipa comigo. (OELSCHLAGE, 2011, p. 2-3 [grifos nossos]).[18][19]

Ainda encontramos registros desse tema do choque com o 'diferente' em *Nicolás tem dois pais* (2014), no cotidiano de Nicolás com sua família e amigos/as da escola. Em dado momento em que uma colega de escola pergunta a razão pela qual o menino tinha dois pais, o garoto expressa consciência de que as crianças nascem de uma mãe, mas que algumas famílias não seguem o mesmo padrão e, entre estas está a sua, constituída por dois pais.

> Minha amiga Florencia me perguntou por que eu tinha dois pais. Eu disse a ela que todas as crianças nascem de uma mãe, mas vivemos com famílias diferentes. Há

[14] No original *A tale of Two Daddies* (Oelschlager, 2010 [tradução nossa]).
[15] No original *A tale of two Mommies* (Oelschlager, 2011 [tradução nossa]).
[16] No original: *My friend Lincoln says you have two dads. That's right. Poppa and Daddy. Who's your dad when your hair needs braids? Who's your dad when you're afraid? Poppa's the one when I need braids. Daddy's there when I'm afraid*. (OELSCHLAGER, 2010, p. 2-3).
[17] Decidimos traduzir os termos *Poppa* e *Daddy* como *Papá* e *Papi*, respectivamente, uma vez que pretendemos manter a tradução a mais fiel possível aos sentidos empregados aos termos, levando-se em consideração também o fato de que termos similares já foram adotados, neste contexto, em outras obras de mesma temática em língua portuguesa, como os termos *Mamá e Mami*, doravante também empregado por nós em outras traduções (Ver MATEUS; COMISSO, 2021 nas referências).
[18] No original: *If you have a momma and a mommy, who fixes things when they break? Oh, Mommy has all the tools. There's nothing she can't fix or make. Who's your mom for riding a bike? And who's your mom for flying a kite? Momma's the one for riding a bike. She's also the one for flying a kite* (OELSCHLAGE, 2011, p. 2-3).
[19] Mesmo caso do emprego dos termos *Papá e Papi* (Ver nota de rodapé nª 13).

> crianças que vivem apenas com a mãe ou o pai, outras com mãe e pai e outras que vivem com duas mães ou com os avós ou tios. Eu moro com dois pais. (NICHOLLS; GOMEZ, 2014, p. 12).[20]

Desse modo, percebemos que este tema do fascínio pela alteridade é um dos aspectos recorrentes entre as obras, confirmando o que Stuart Hall (2016) definiu como "o espetáculo do Outro", em outras palavras, mobilizações discursivas causadas pela "estereotipagem", que segundo o autor designa uma das "práticas representacionais" (op., 2016, p. 139) que funciona como um operador de identidades construídas culturalmente.

No caso analisado neste artigo, pode-se inferir portanto, que o estranhamento e admiração da personagem em relação a outra realidade familiar distinta da sua surge, muito provavelmente, em razão da divisão de papéis de gênero geralmente associados às atribuições clássicas do 'pai' e da 'mãe' nas famílias convencionais – questão que será tratada mais detalhadamente no tópico seguinte.

4.2.2 O "Outro" sob o olhar do estereótipo

Meus dois pais (2017), obra literária de Walcyr Carrasco, apresenta possibilidades de configurações familiares diferentes do modelo clássico heterossexual, oferecendo às/os leitores/as uma oportunidade de (re)conhecer uma possibilidade de identidade familiar distinta das tradicionais – uma família homoparental. O enredo do livro gira em torno da separação dos pais de Naldo personagem protagonista da trama, e, a descoberta do garoto que seu pai é homossexual.

Um aspecto notável a se considerar é o fato de que esta obra ficcional brasileira foi publicada um ano antes da aprovação do Projeto de Lei do Senado nº 612, proposto em 2011, pela senadora Marta Suplicy, do Partido dos Trabalhadores (PT) na época, o qual inclusive modificou a redação da Lei nº 10.406/02 do Código Civil, relativa ao reconhecimento da identidade familiar homoafetiva:

> Art.1.173. É reconhecida como entidade familiar a união estável entre duas pessoas, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família (BRASIL, 2011, p. 1).

A obra em questão aborda o tema da separação dos pais do personagem principal. Este fato, no entanto, é apresentado com naturalidade por parte da criança, visto como o próprio garoto descreve a separação:

---

[20] No original: *Mi compañera Florencia me preguntó por que yo tenía dos papás. Yo le dije que todos los niños nacemos de una mamá, pero vivimos con distinctas familias. Hay niños que viven sólo con una mamá o un papá, otros con mamá y papá y hay otros que víven con dos mamás o con los abuelos o tíos. Yo vivo con dos papás.* (NICHOLLS; GOMEZ, 2014, p. 12).

> Eu? Nem fiquei tão surpreso. Muitos de meus colegas têm pais separados. A mãe da Noemi já casou três vezes e está solteira de novo. A Noemi diz que tanto casamento tem suas vantagens. [...] – Quando a mamãe começa a namorar, é ótimo! Ela fica tão feliz! [...] – O Paulo é loirinho, mas tem um irmão de olhinhos puxados e cabelos pretos, mais novo. O segundo casamento do pai dele foi com uma sansei, que é como se chamam os netos dos japoneses. [...] – Todo mundo estranha quando eu digo que ele é meu irmão. A Elaine não conheceu o pai. [...] – Sou produção independente, filha só de minha mãe! São tantas famílias diferentes! (CARRASCO, 2017, p. 6 – 9).

Como podemos observar, além de abordar o tema da separação como algo já comum e recorrente na vida das crianças, a narrativa também oferece um retrato de configurações familiares que não necessariamente correspondem ao modelo de núcleo familiar tradicional. É possível ver que famílias compostas por filhos/as de outros casamentos, que vivem com padrasto/madrasta ou não, "*O Paulo é loirinho, mas tem um irmão de olhinhos puxados e cabelos pretos, mais novo*"; famílias monoparentais: "A mãe da *Noemi já casou três vezes e está solteira de novo*" e até famílias em que o/a filho/a foi gerado por inseminação artificial: "*Sou produção independente, filha só de minha mãe!*".

A representação dessas identidades familiares configura-se como um operador de naturalização de suas existências, sendo que a simples nomeação e presença dessas existências no discurso, anunciam o que segundo Hall (2016, p. 34) são "representações mentais". Em outras palavras, as "representações mentais" são sistemas conceituas construídos culturalmente através da linguagem (que agem como operadores discursivos) pelos e para os sujeitos de determinada sociedade. E que, estabelecendo relações com as estruturas culturais, morais, religiosas, políticas, entre outras instâncias sociais desta sociedade, funcionam como reguladores dos comportamentos, emoções e valores dos indivíduos, condicionando-os, muitas vezes, a ter determinadas crenças e atitudes frente aos fatos sociais (Hall, 2016).

Nesta linha de raciocínio, trazemos em vista a construção de imagens mentais positivas ou negativas em relação a determinados fenômenos sociais; um destes poderia muito bem ser as configurações familiares. Neste artigo, buscamos analisar especificamente as representações que modelos familiares homoparentais, tal qual sua concepção enquanto identidade familiar assumida em um veículo representacional, a saber: a literatura infanto-juvenil.

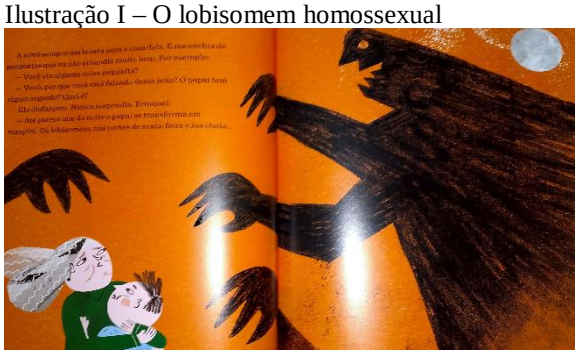
A naturalização do discurso preconceituoso e estereotipado em relação a esse tipo de configuração familiar parece estar ligada diretamente aos tabus e preconceitos em relação à sexualidade das pessoas que constituem o núcleo progenitor da família. Em *Meus dois pais* (2017), observamos cenas comuns de discriminação contra a sexualidade do pai de Naldo, pelo fato de este ter não apenas separado da mãe da criança, como também assumido um outro relacionamento afetivo com alguém do mesmo sexo. No entanto, é interessante salientar que a naturalização do discurso preconceituoso não é inerente à criança, mas sim, fabricadas

culturalmente pelos adultos, dependendo do sistema de valores e "representações mentais" que fazem parte de sua formação discursiva (HALL, 2016). Observamos isto na obra, quando o garoto não compreende as apreensões da mãe e da vó em relação ao seu contato com o pai, que embora não expressem falas discriminatórias de forma explícita, mas que deixam claro que há um preconceito velado em relação à homossexualidade do pai da criança e, uma crença de que isto venha interferir na criação da criança e até mesmo, na formação de sua personalidade.

> – Você vai morar com o seu pai, pelo menos por enquanto. Qualquer coisa você me telefona. Ficou muda por um instante. Depois disse, explicando sem explicar: – Não se deixe influenciar, porque seu pai tem uma vida muito diferente da nossa. Lembre-se: o importante é que ele adora você. [...] A vovó sempre [...] me enchia de perguntas que eu não entendi muito bem. Por exemplo: – você viu alguma coisa esquisita? – Vovó, porque você está falando desse jeito? O papai tem algum segredo? Qual é? Ela disfarçava. Nunca respondia. Brinquei: – Até parece que de noite o papai se transforma em vampiro. Ou lobisomem, nas noites de sexta-feira e lua cheia (CARRASCO, 2017, p. 22-23[grifo nosso]).

Percebemos que, pelo menos no trecho da fala da avó, tanto o texto verbal como as ilustrações revelam como a homossexualidade é bestializada e transmitida culturalmente do adulto para a criança/jovem através do discurso hegemônico.

Ilustração I – O lobisomem homossexual



Fonte: Carrasco (2017, p. 22-23)

Diante disso Foucault (1989) menciona:

> A partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas. É possível que se tenha escamoteado, aos próprias adultos e crianças, uma certa maneira de falar do sexo, desqualificada como sendo direta, crua grosseira. Mas, isso não passou da contrapartida e, talvez da condição para funcionarem outros discursos, múltiplos, intercruzados, sutilmente hierarquizados e todos estreitamente articulados em torno de um feixe de relações de poder (FOUCAULT, 1989, p. 32).

Nessa conjuntura, o modo como as relações homossexuais e sua relação com a família é percebida dentro da ótica heteronormativa é estereotipado através de imagens de sujeitos "anormais", representados através da linguagem e das formações discursivas (FOCAULT, 1989; HALL, 2016). A narrativa de Carrasco (2017), mostra como as consequências desse discurso na vida das pessoas podem ser nocivas, especialmente, na vida das crianças e jovens.

Quando Naldo passa a morar com o pai e o companheiro deste, Celso, o garoto logo sente a rejeição de alguns colegas e começa a ter medo da não aceitação:

> Convidei o Paulo e o Fê para fazer um trabalho em grupo. Meus amigos gostavam de ir à minha casa porque o Celso sempre deixava um lanche legal. E não havia mãe de ninguém para pegar no pé. Nem acreditei quando eles recusaram meu convite. – A minha mãe me proibiu de ir ao seu apartamento – disse o Fê. Fiquei chateado. Quis saber o motivo. – É por causa do seu pai. O Fê se afastou sem querer falar muito. Fui atrás. – O que o meu pai tem de errado? Os dois ficaram sem jeito, até que o Fê disparou: – Seu pai é gay Naldo! (CARRASCO, 2017, p. 25-26)

Ao receber a notícia, o garoto fica transtornado e, não sabendo lidar com a situação, passa a rejeitar o próprio pai até que, com ajuda da mãe, posteriormente consegue aceitar a situação, embora demonstrando marcas de seu medo do "Outro" – seu pai e o companheiro Celso – não por razões naturais, mas pelo medo da rejeição social, o que o leva inclusive a reproduzir discursos comumente associados à estereótipos e tabus heteronormativos:

> A mamãe falou bastante. Explicou que muitos homens e mulheres são assim: amam seus iguais. E têm relacionamentos tão bonitos quanto os que entre um homem e uma mulher, que são mais comuns. – Mas por que justo o meu pai tem que ser diferente? Na mesa ainda havia uma bandeja de doce. A mamãe pegou um de chocolate e outro de amêndoas. – Olhe para esses doces. Ambos são doces, mas diferentes entre si. Não é errado ser diferente! [...] – Tinha um menino na minha classe. Chamavam ele de gayzinho. Mas o papai não é delicado, nem o Celso (CARRASCO, 2017, p 36-37 [grifos nossos]).

Sob esta ótica, constatamos que, para além do preconceito em relação à orientação sexual, há uma associação entre o ser 'gay' e ser 'delicado', ou seja, o problema maior parece residir na ruptura de expectativa do indivíduo com os gêneros pelos quais foram culturalmente determinados, como Judith Butler aponta em *Gender Troubles* (2002, p. 26):

> A heterossexualização do desejo exige e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre "feminino" e "masculino", em que estes são entendidos como atributos expressivos do "macho" e do "fêmea". Essa matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero tornou-se inteligível requer que determinados tipos de "identidades" não possam "existir" – Quer dizer, aquelas em que o gênero não provenham do sexo e aquelas em que as práticas de desejo não "provêm" nem do sexo nem do gênero. (BUTLER, 2002, p. 26 [tradução nossa]). [21]

Reiterando o que se disse acerca da naturalização de discursos preconceituosos e estereotipados, é necessário conceituar estereótipo, a fim de explicitá-lo como mecanismo representacional (por vezes negativos) presente não apenas nesta obra como em outras obras analisadas neste artigo.

[21] The heterosexualization of desire requires and institutes the production of discrete and asymmetrical oppositions between "feminine" and "masculine," where these are understood as expressive attributes of "male" and "female." The cultural matrix through which gender identity has become intelligible requires that certain kinds of "identities" cannot "exist"— that is, those in which gender does not follow from sex and those in which the practices of desire do not "follow" from either sex or gender (BUTLER, 2002, p. 26).

> O conceito de **estereótipo** consiste na generalização e atribuição de valor (na maioria das vezes negativo) a algumas características de um grupo, reduzindo-o a essas características e definindo os "lugares de poder" a serem ocupados. É uma generalização de julgamentos subjetivos feitos em relação a um determinado grupo, impondo-lhes o lugar de inferior e o lugar de incapaz no caso dos estereótipos negativos (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009, p. 24-25).

Alicerçado nesse conceito, averiguamos que a presença de certos estereótipos de gênero estiveram presentes nos discursos e nas representações de personagens, ora nas mensagens verbais, ora nas próprias ilustrações. A partir destes dados, notamos que a construção de uma identidade familiar homoparental em boa parte das produções literárias analisadas ainda parecem manter padrões representacionais que, de certo modo, refletem estruturas típicas de identidades familiares clássicas. A saber, a presença, mesmo que bem sutil, de marcadores de gênero, tais como formas de nomeação às duas mães ou aos dois pais; a presença de atitudes específicas de algum dos/as personagens parentais, implícita ou explicitamente, representam padrões de gênero típicos de modelos familiares heterossexuais ou mesmo situações em que a presença ou ausência de algum desses elementos, de algum modo, revela um indicativo destes tipos de representações estereotipadas.

Em *Um Conto de Dois Pais* (2010), a personagem principal não é nomeada, assim como em todos os momentos sua fala faz referência à atividades diárias as quais recebe ajuda de algum de seus pais. Estes são nomeados como "Papá" e "Papi" (*Daddy* e *Poppa*), assim como também em *Um Conto de duas Mães* (2011), as duas mães do garoto são nomeadas como "Mamá" (*Momma*)" e "Mami" (*Mommy*). Em ambas as obras percebemos uma vinculação forte do enredo ao tema da homoparentalidade. O mesmo se dá em *Mãe não é uma só, eu tenho duas!* (2021), em que as mães de Malu são chamadas de "Mami Dora" e Mamá Lara" pela menina. Stuart Hall (2016, p. 21) arrola que "concedemos sentido às coisas pela maneira como as *representamos*". Destarte, no concerne à relação entre o uso da linguagem e vinculação imediata à formação discursiva e cadeias representacionais dos sujeitos sociais, o mesmo autor afirma que:

> [...] damos sentido às coisas pelo modo como as utilizamos ou as integramos a nossas práticas cotidianas. [...] nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as *representamos* – as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, a maneira como as classificamos e conceituamos, enfim os valores que nelas embutimos. (HALL, 2016, p. 21).

Por este ponto de vista, podemos pensar que à maneira como costuma-se diferenciar as identidades materna e paterna, atribuindo-lhes certas qualidades, características ou papais socialmente e culturalmente convencionados para designar 'pai' e 'mãe'. Uma dessas demarcações, de acordo com Lopresti e Shnaidman (2017) é a própria nomeação. As

nomeações atribuídas às personagens parentais presentes nestas obras parecem dar um indicativo de que certas características (que aqui atribuímos como marcador social de gênero) assinalam a existência de certos estereótipos de família que representam a concepção tradicional de família, como a necessidade de um pai e uma mãe.

De outro modo, embora as obras procurem abordar com naturalidade e normalidade as rotinas e situações corriqueiras de crianças e jovens que vivem em lares homoparentais, o que parece é que, embora estas famílias sejam constituídas por dois pais ou duas mães, algumas características comportamentais e físicas (representadas através das ilustrações) e da própria nomeação a qual o discurso literário os representa aludem à papeis de gêneros culturalmente considerados como masculinos ou femininos que, ora são atribuídos a um/a ou ora outro/a dos/as pais/mães.

Ao que parece, embora a referência a padrões de gênero não seja explícita, a presença dessa suposta "divisão de tarefas" ou mesmo características físicas ou comportamentais atribuídas a um dos pais ou a uma das mães presentes nas obras, dar a entender que ainda existe uma estrutura patriarcal permeando a representação dessas famílias.

É possível identificarmos alguns destes atributos, qualidades ou peculiaridades identificadas nas personagens que exercem papel de pais ou mães. Identificamos algumas representações de gênero conferidas convencionalmente a papeis masculinos ou femininos em *Nicolás tem dois pais* (2014), quando o garoto descreve algumas das situações de seu dia a dia realizada com os dois pais e a mãe:

> "Com meu pai Sebastian, vou ao estádio porque realmente gostamos de futebol." [...] "Meu pai Pablo trabalha em um museu e eu adoro porque posso ver dinossauros." [...] "Nos fins de semana, minha mãe Clara nos visita. Converso e passeio com ela, a gente anda de bicicleta e uma vez a gente até plantamos uma árvore." (NICHOLLS; GOMEZ, 2014, p. 7- 8 [grifo nosso]).[22]

Um/a deles/as possuem qualidades ou realizam funções domésticas ou não, normalmente designadas à um dos gêneros binários: papeis femininos ou masculinos, como pode-se observar, por exemplo no fato do personagem *Nicolás* atribuir a seu pai *Sebastián*, representado com barba nas gravuras, o gosto assíduo futebol, enquanto o outro pai *Pablo*, representado sem barba, trabalha em um museu, diferentemente de *Meus dois pais* (2020), que mostra ilustrações de ambos os pais com barba e não dá indícios de traços de diferenças de suas performances de gênero. Levando-se em consideração de que o símbolo estético da barba e o

[22] No original: *Com mi papá Sebastián vamos al estádio porque nos gusta mucho el fútbol."[...] Mi papá Pablo trabaja em um museo y me encanta porque puedo ver a los dinosaurios. [...] Los fines de semana nos visita mi mamá Clara. Com ella, converso paseamos em bicicleta y uma vez hasta planatmos um arból*" (NICHOLLS; GOMEZ, 2014, p. 7- 8 [grifo nosso]).

gosto pelo futebol é culturalmente associado à masculinidade no ocidente, enquanto que, a depender de fatores como classe social, trabalhos mais artísticos, intelectuais ou que envolvam aprendizagem (nesse contexto do museu, "para crianças"), que envolvam 'cuidado' e observação a 'detalhes' acabaram sendo culturalmente relacionados à papeis sociais delegados ao feminino, pelo menos na cultura ocidental moderna.

É possível verificarmos a mesma situação em *Mãe não é uma só, eu tenho duas!* (2021), como apresentadas nos quadros abaixo:

Quadro 4 – Representações de papeis de gênero em *Mãe não é uma só, eu tenho duas!* (2021)

Mami Dora	**Mamá Lara**
"A mami me acorda cedinho e me enche de neijinhos." (p. 6)	*"A mamá prepara o nosso café da manhã com muitas frutinhs e muito carinho" (p. 8)*
"A mami se prepara para passear comigo e com o nosso cachorro, Dendê." (p. 12)	*"Quando volto, a mamá me ajuda a escolher uma roupa bem colorida para eu vestir" (p. 14)*
"A mami me leva ao parque sempre que tem sol" (p. 18)	*"E, quando chove, a mamá passa a tarde inteirinha cantando comigo (p. 19)*

Fonte: Elaborado com base em Mateus e Comisso (2021).

Nesta situação, notamos que, para além da necessidade de uma nomeação distinta para se referir às mães, a personagem Malu, ao relatar atividades rotineiras realizadas junto a uma das mães, nos revela, embora em uma linguagem infantil, a existência de certos estereótipos de gênero nas entrelinhas do discurso, embora sutilmente perceptíveis. No entanto, devemos atentar para o fato de que, diferentemente de outras narrativas não abordadas nessa análise[23], a obra de Mateus e Comisso (2021), não traz mostra demarcações explícitas de masculinização ou femimilização das personagens *Mamá Lara* e *Mami Dora*, tanto no conteúdo verbal como nas ilustrações a no entanto, a partir de suas nomeações e personalidades realizamos a existência de marcas estereotipadas do dualismo de gênero assumido pelo discurso hegemônico acerca da identidade familiar e representados pela linguagem (HALL, 2016; FOUCAULT, 1971).

Inferimos isto a partir de registros das falas da personagem narradora, ou no dizer de Bardin (1977) e Franco (2007), "das mensagens". Estas nos forneceram indícios de que certas atividades ou "acontecimentos" ocorridos no espaço fechado do lar, do ambiente doméstico, em geral desenvolveram-se entre a menina e a *Mamá Laura* – cenas que convencionalmente são atribuídas ao papel da mãe "mais feminina", mais introspectiva e preocupada com deveres domésticos. Por outro lado, constatamos que as ações observadas entre Malu e *Mami Dora* retratam mais cenas em espaços abertos, fora do ambiente doméstico, como passeios "ao

[23] Ver NESIS, José y Paula Szuter. **De familia en familia**. Buenos Aires: Iamiqué, 2015.

parque, com [o] cachorro Dendê" (Idem, p. 12 [grifo nosso]), demonstrando que *Mami Dora* é mais 'aventureira', não se prende tanto ao espaço doméstico, sinal que nos permite estabelecer, de certo modo, um paralelo com a convencional figura "paterna".

Igualmente, verificamos a presença de imagens estereotipadas similares em *Um Conto de Dois Pais* (2010) e *Um Conto de Duas Mães* (2011), como evidenciadas no quadro abaixo:

Quadro 5 – Representações de papeis de gênero em Um Conto de Dois Pais (2010)[24]

Papá (*Poppa*)	**Papi (*Daddy*)**
"Papá é quem constrói minha casa da árvore" (p. 9)	*"Papi é quem cuida de mim quando machuco o joelho"* (p. 10)
"Papá me prepara ovos e torradas" (p. 14)	*"Papi é meu treinador de futebol"* (p.13)
"Papá é quem me dá banho" (p. 18)	*"Papi é quem faz meu bolo de aniversário"* (p. 21)

Fonte: Elaborado com base em Oelschlager (2010).

Levando em consideração como a narrativa é construída, em que a criança delega funções específicas a cada um/a dos/as pais/mães. A nosso entender, a simples presença de tais atribuições anunciam, veladamente, que a construção identitária da família da personagem assenta-se ainda no padrão familiar heteronormativo, centrado na existência de sujeitos gendrados como elemento necessário à constituição de uma identidade familiar. Embora, observamos também que a narrativa parece reparar esta situação com a sutil estratégia de não necessariamente delegar as tarefas convencionalmente "masculinas" ou "femininas" a um pai/mãe em específico, o que compensa, de certo modo, a existência dos estereótipos de gênero.

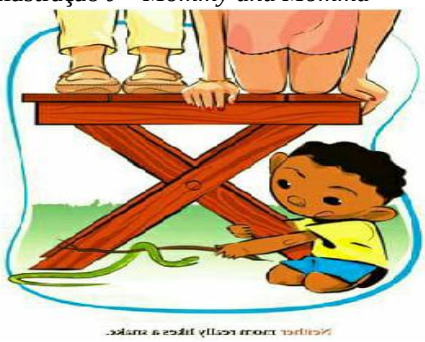
Em *Um Conto de Duas Mães* (2011), observamos na fala do garoto e nas próprias ilustrações, a imagem estereotipada de pavor ou aversão das mulheres em relação a animais, característica que, aliás, coincide com as atitudes dos personagens (aqui, entretanto não nomeados distintamente) *papá Diego* e *papá Diego*, em *Meu coelho Mirlo* (2013) no que concerne à maior ou menor afeição/aversão a animais, o que, conseguintemente, decorre na construção de imagens implícitas do que convencionalmente parece se associar à representações figuras masculinas (paterna) e femininas (materna).

Nesta conjuntura, pensamos que esta divisão dualista de tarefas atribuídas a um/a dos/as pais/mães nos remete reporta à tradicional ideia de divisão de trabalho por gênero, presente n no discurso hegemônico (FOUCAULT, 1989; HIRATA, 2007). Cenário que nos obriga a

[24] No original: *Poppa's the one who builds in a tree [...] Daddy's the one who fixes my knee [...] Poppa cooks me eggs and toasts [...] Daddy is my soccer coach [...] Daddy makes my birthday cake* (OELSCHLAGER, 2010, p. 4-6 [grifos nossos]).

refletir sobre a necessidade de desconstruirmos tais representações tradicionais de família para efetivamente pensarmos em diferentes possibilidades de identidades familiares não-binárias, não-estereotipadas, remetendo-nos realmente a uma perspectiva de diversidade familiar.

Ilustração J – *Mommy and Momma*



Fonte: Oelschlager (2011, p. 29)

Ilustração K – *Daddy and Poppa*

Fonte: Oelschlager (2010, p. 9-10)

Em *Um Conto de Dois Pais* (2010), podemos observar, que algumas das situações familiares cotidianas geralmente associadas à papeis considerados "mais masculinos" (paternos) ou "mais femininos" (maternos), como a construção de uma casinha na árvore ou tratar de um ferimento do/a filho/a.

Entre outras peculiaridades culturalmente demarcadas pelo binarismo de gêneros masculino e feminino constituem um mecanismo representacional estereotipado e alimentado inconscientemente pelo discurso hegemônico impregnado na cultura. Esta representação discursiva, por sua vez, influencia na própria concepção de identidade familiar – na maioria das vezes construída unicamente através da representação patriarcal como única alternativa possível de existência de unidade familiar (BUTLER, 1990; HALL, 2016).

4.2.3. Orgulho e pertencimento: formando a identidade familiar

O conhecimento das crianças e jovens acerca da diversidade de configurações familiares é algo imprescindível para formação destas/es como sujeitos abertos, menos preconceituosos e mais conscientes das diferenças que permeiam a sociedade em que vivem.

Nesse sentido, acreditando no poder da literatura infanto-juvenil como ferramenta estética, humanizadora, conscientizadora e de inclusão social (CÂNDIDO, 2004; SILVA, 2014; SILVA, 2018), e como temos asseverado ao longo deste artigo, um veículo representacional de "realidades" construídas a partir do mundo ficcional para o compreensão do mundo real (HALL, 2016), apoiamo-nos no dizer de Zilberman (2008, p. 17), que acredita que "a leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história".

Nesse ínterim, concordamos[25] com Pagliari (2015, p.77), quando salienta a "importância de mostrar livros, contar histórias e refletir sobre as mesmas com as crianças desde a Educação Infantil, elas precisam conhecer a diversidade que a cerca". De outro modo, educadoras/es, pais/mães, crianças e jovens deveriam ter acesso não somente a livros que abordem a diversidade e as diferenças, mas também à oportunidades de poder se sentirem representadas/os nestas obras, estabelecendo ligações de identificação e pertencimento, ou pelo menos compreensão e aceitação de diferentes formas de se viver e de se constituir famílias e identidades familiares.

Em *Mãe não é uma só, eu tenho duas!* (2021), observamos que Malu é uma criança feliz e criada em um ambiente amoroso por suas duas mães. Os momentos em família narrados pela garota mostram cenas cotidianas e banais da criança com suas mães, como seu café-da-manhã, momentos de passear, de arrumar-se, brincar, cantar e ouvir estórias, revelando que não há diferenças entre sua criação junto a um casal de lésbicas em relação a um casal heterossexual no que se refere a concessão de amor, carinho e cuidado. A garota demonstra sua felicidade em viver junto as suas duas mães e para mostrar seu sentimento de pertencimento a sua família, ao fim da narrativa, inclusive desconstrói o ditado popular que diz que "mãe é uma só", propagado pelo senso comum. De maneira poética e inteligente, a garota mostra através de sua narrativa que "mãe não é uma só... Eu tenho duas!" (MATEUS; COMISSO, 2021, p. 26-28), cena reafirmada pelas ilustrações de suas mães ao coloca-la para dormir.

Ilustração L – Malu, Mamá Lara e Mami Dora

Fonte: Mateus e Comisso (2021, p. 24-25)

[25] Aqui nos posicionamos enquanto educadores/as e professores/as de língua e literatura, conscientes do poder da leitura e da Literatura como instrumento de representação. Acreditamos que o texto literário é capaz de suscitar no/a leitor/a estruturas representacionais com as quais se identifiquem ou, pelo menos, compreendam como realidade dizível, cognoscível, inteligível, existente no discurso (HALL, 2016; FOUCAULT, 1989), e portanto, fora do aspecto do que chamaremos '*apagamento representacional'* provocado pelo discurso hegemônico.

Percebemos este mesmo sentimento de orgulhoso e pertença de Pedrinho em relação a seus dois pais Henrique e Bruno, em *Minha família é uma festa* (2020). A narrativa trata de uma festa a qual o garota irá com seus dois pais e lá, encontrará seus/as amiguinhos/as a quem apresentará os pais. Chegando na festa, brinca e se diverte muito com as outras crianças. Em determinado momento, o garoto faz uma apresentação de homenagem aos pais e os apresenta para o/a amigo/a Marcela e Enzo. No primeiro momento, a Marcela estranha um pouco o fato do Enzo não ter mãe – '*o fascínio pela alteridade'*– mas, logo depois do coleguinha Enzo explicar que também tinha um primo que tinha duas mães, a garota compreende que esta configuração familiar também existe e, até se empolga e diz: "–Nossa! Ter dois pais deve ser muito legal" (BAPTISTA; MARINI, 2020, p. 22), ocasião que revela que o preconceito em relação ao diferente não é algo natural da criança, mas sim, fruto de estereótipos e representações negativas incutidos culturalmente pelos adultos – indivíduos já *assujeitados* pelo discurso hegemônico e reprodutores desse mesmo discurso, nos termos de Foucault (1989). Nesta perspectiva, o sentimento de pertença e orgulho das origens são certamente elementos constitutivos das mensagem levado ao/à leitor/a da obra. Podemos constatar isto no texto verbal e nas imagens ilustradas no livro, revelando a felicidade e sentimento de identidade da criança em relação a sua família.

> Logo depois da apresentação, eu corri para tirar uma foto com meus dois papais. Meus amiguinhos correram atrás de mim e disseram: –A gente pode tirar uma foto com a sua família? Eu olhei para todos com muito orgulho e alegria. A Marcela então me disse: –É que sua família é muito bonita. Nós tiramos nossa foto todos juntos. A foto ficou muito linda. Contando essa história, cheguei à conclusão de que a minha família é uma festa. Nela, eu recebo muito amor, tenho muita alegria e fazemos passeios incríveis. Eu amo meus dois papais! (BAPTISTA; MARINI, 2020, p. 27-37).

Iustração M – Pedrinho e seus dois papais

Fonte: Baptista e Marini (2020, p. 36-37)

Neste rol, tal qual as duas obras mencionados acima, "*Minhas duas mães e eu"* (2019),[26] retrata representa diversas famílias compostas por crianças e casais de mulheres lésbicas. A narrativa é contada a partir de um/a narrador/a infantil que representa as falas das crianças, retratando suas vivências e experiências com suas mães, sempre num clima descontraído e humorístico (pelo fato de as crianças, ainda sendo bebês, narrarem suas atividades junto às mães como se elas/es comandassem essas situações melhor que os/as adultos/as).

No entanto, à maneira das obras de Oelschlager *et al.* (2010/2011), percebemos em Joosteen e Zenou (2019), um apelo proposital e quase didático do livro em relação ao modo de representar a identidade da família homoparental. Queremos dizer, toda a trama do livro se passa em volta das mães das crianças. As personagens também não são nomeadas e, à exceção de um momento da narrativa em que as mães aparecem juntas de outras famílias (também formadas por casais lésbicas), não encontramos momentos em que estas famílias estejam reunidas com outros membros da família. Mesmo assim, uma característica em comum em quase todas as obras merece destaque: Na grande maioria das ilustrações, o momento de dormir das crianças é sempre representado com as duas mães ou os dois pais ninando-os/as ou lhe contando estorinhas, fato que nos remete fortemente à criação de laços afetivos fortes e parece ser um símbolo da representação da construção de uma identidade familiar dos sujeitos representados.

Ilustração N – Mães e bebê

Fonte: Joossten e Zenou. (2019, p. 20-21)

Desse modo, que entendemos a importância da representatividade da identidade familiar homoparental, dado que é, como afirmamos anteriormente, pela representação que a realidade é construída. Por conseguinte, a construção de uma imagem positiva e naturalizada desse modelo de família através da representação literária infanto-juvenil o retira da categoria de

[26] My Two Mommies and Me (JOOSTEN; ZENOU, 2019)

"Outro" marginalizado e o insere dentro do 'conhecido', do 'óbvio', do 'comum' ou do "normal".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de representatividade como construção social de Hall (2016), possibilitou estabelecer relações entre identidades/modelos familiares e comportamentos sociais resultantes de representações positivas ou negativas dessas concepções.

Entendemos que a literatura infanto-juvenil, para além de servir como ferramenta pedagógica para o ensino de leitura ou como "pano de fundo" para ensinamentos éticos e morais para a vida dos pequenos e jovens leitores/as, pode assumir uma função conscientizadora dos problemas socais presentes no cotidiano da vida real. Além disso, percebeu-se também, que a não podemos deixar de considerar a literatura como veículo representacional da realidade.

Nesse viés, a representação de identidades familiares homoparentais em livros literatura infanto-juvenil não necessariamente significa a adesão ou não de algum posicionamento político, moral ou religioso, mas não deixa de se constituir um instrumento mobilizador de consciências e atitudes

Ao longo deste estudo, percebemos que, embora houve um considerável aumento de produções literárias infanto-juvenis voltadas para a temática da diversidade familiar com representações de configurações familiares homoparentais, de 2010 para o presente momento, muitas das obras analisadas revelaram que ainda existe uma persistência na presença de demarcações binárias e estereotipadas de gênero como elemento característico para a construção de uma identidade familiar homoparental simbolizada no plano discursivo por representações similares aos modelos tradicionais de família. Este fato demonstra que o próprio conceito de família, ainda que modificado, ao longo do tempo, em decorrência das mudanças socioculturais (muitas destas fruta de mobilizações e conquistas políticas de setores sociais, como a comunidade LGBTQIA+), parece manter fortes marcas do discurso heteronormativo hegemônico (HALL, 2016; BUTLER, 1990/99; FOUCAULT, 1989).

No entanto, não podemos desprezamos o fato de que esta mesma representatividade literária também favoreceu a ampliação de maior visibilidade desta identidade familiar e do sentimento de orgulho e pertencimento de sujeitos que sentem-se representados nestas obras ficcionais. Além disso, assumimos que, a representatividade desta literatura no espaço escolar pode, secundariamente à função estética do texto literário, exercer também o papel de instrumento de sensibilização, desconstrução de estereótipos de gênero, sexualidade ou raça – especialmente em educadores/as e estudantes – para além, como já afirmamos, da promoção da

autoestima de crianças, jovens e pais/mães leitores/as que podem sentir-se representados/as nesta literatura.

Desse modo, este artigo pretende fomentar a produção de mais estudos sobre a temática, incentivando a desconstrução de discursos excludentes e preconceituosos – sobretudo no espaço escolar, tendo em vista que é na escola que as práticas de leitura literária infanto-juvenil ganham maior amplitude (FLECK, 2007; SILVA, 2003) – sobre a relação entre sexualidade, gênero e família, além de buscar promover o respeito à diversidade e às diferenças.

Por fim, acreditamos que, embora este tipo de representação literária destinada ao público infanto-juvenil não tenha uma boa recepção ou no espaço escolar e sobretudo, no espaço doméstico e é visto com "estranheza e receio" (DOMICI, 2014, p. 44), sua produção e divulgação pode significar um alargamento de horizontes de expectativas de crianças e jovens leitores/as, docentes e até mesmo familiares de pessoas que vivem ou convivem entre pessoas que vivenciam, conheçam ou já ouviram falar sobre modelos familiares distintoss do modelo tradicional, aqui em especial o homoparental.

Acreditamos também que a literatura infanto-juvenil, além de ser um espaço de deleite e fruição estética, é um instrumento de transformação social, no sentido de que as experiências e situações como as descritas nas obras analisadas podem desempenhar um papel de inclusão social para muitas crianças e jovens que vivem em famílias homoparentais e não se sentem representadas/os pela literatura tradicional, uma vez que esta não contempla o universo representacional da diversidade de configurações familiares e os diferentes modos como as pessoas se relacionam e constroem laços afetivos e identitários em situações em contextos diferentes.

REFERÊNCIAS

ARGÜELLO, Zandra Eliza. **Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil**. Orientadora: Jane Felipe de Souza. 2005. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BAPTISTA, Fernando. **Minha família é uma festa**. Ilustrado por Remo Marini. São Paulo, SP: Saíra Editorial, 2020. 40 p. (Série Outras vozes). ISBN 978-65-86236-09-5.

BARRETO, Andreia; ARAÚJO, Leila; PEREIRA, Maria Elizabete (orgs.). MÓDULO I: DIVERSIDADE. *In:* **GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009, p. 17-36.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York and London: Routledge, 1990, 1999. Edição de Taylor & Francis e-Library, 2002.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 612, de 2011.** Altera os arts. 1.723 e 1.726 do Código Civil, para permitir o reconhecimento legal da união estável entre pessoas do mesmo sexo. Disponível em: https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=3986495&ts=1630442704910&disposition=inline. Acesso em: 02 out. 2021.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". *In*: **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995, p. 169-91.

CARRASCO, Walcyr. **Meus dois pais**. Ilustrado por Ana Matsusaki. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2017. 47 p. (Série todos juntos) ISBN 978-85-16-10768-0.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Pesquisa Aplicada à Educação. *In*: BRENNAND, E. G. G; ROSSI, S. J (Orgs.). **Trilhas do Aprendente**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB. V. 5, 2011.

CASAQUI. **Literatura Infantil e Juvenil** LGBTI. Associação Solidariedade social. Disponível em: http://www.casa-qui.pt/images/docs/Literatura_Infantil_e_Juvenil_LGBTI.pdf. Acesso em 09 out. 2021.

DOMINICI, Maria de Nazaré M. **Literatura infanto-juvenil brasileira e o novo modelo familiar: análise da recepção do livro "meus dois pais"**. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – Centro Universitário de Brasília, 2014.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **Famílias Homoparentais em narrativas para crianças: Algumas Considerações.** Anais V ENLIJE, 2014. Disponível em https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/vizualizar/5938.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário digital Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Positivo Soluções didáticas LTDA, 2010.

FLECK, Gilmei Francisco. O Papel da Literatura Infantil e Infanto-Juvenil na Formação do Leitor. *In:* **A LITERATURA INFANTIL E INFANTO-JUVENIL: perspectivas, desafios e ensino**. Revista Língua & Literatura. Frederico Westphalen (Org.) v. 10 n. 14 p. 13 - 27 Jul. 2007, p. 13-27.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** (1971). Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Lisboa: Loyola, 1996.

FOCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. 80 p. (Série Pesquisa; v. 6).

GEGALLA, Domingo Paschoal. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Culturas e representação**. ITUASSU, Arthur (Org.). Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Ed PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2016.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. **Novas configurações da Divisão Sexual do Trabalho**. Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, vol. 37, no 132, págs. 595-609, set.-dez. 2007.

HRC WELCOMING SCHOOLS. **Welcoming Schools Book Lists: Diverse Books to Welcome All Families in Your School Community**. Disponível em: https://welcomingschools.org/resources/books-diverse-families. Acesso em 09 out. 2021.

JOOSTEN, Michael. **My Two Moms and Me**. Ilustrator Izak Zenou. United States: Random House Children's Books, 2019. [22] p. ISBN: 9780525580133, 0525580131.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

LANKASTER, Colin; KNOBEL, Michele. **Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação**. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LÉVY, Pierre**. O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996. 160 p. (Coleção TRANS).

LIMA, Fátima. **Corpos, gêneros, sexualidades: políticas de subjetivação**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. 86 p. (Coleção Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde).

LOPRESTI, Mariana.; SHNAIDMAN, Maia. **Represenataciones y problematizaciones de la organización familiar en la literatura infantil y juvenil argentina**. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá. Maguaré, vol. 31, n. 1 (ene-jun), 2017. ISSN 0120-3045 (impreso) 2256-5752 (en línea), pp. 65-86.

MENDES, Rosana Maria; MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra. **A Análise de Conteúdo como uma metodologia.** Cadernos de Pesquisa v.47 n.165 p.1044-1066 jul./set. 2017.

NICHOLLS, Leslie; GÓMEZ, Rámon. **Nicolás tiene dos papás**. Movilh. 1 ed. Santiago, 2014. [16] p.

OELSCHLAGER, Vanita.; BLACKWOOD, Kristin.; BLANC, Mike. **A Tale of Two Daddies**. United States: VanitaBooks, 2010. [42] p.

OELSCHLAGER, Vanita. **A Tale of Two Mommies**. United States: VanitaBooks, 2011. [40] p.

PAGLIARI, Elisandra Cátia. **Famílias homoparentais em livros de literatura para crianças: as novas configurações familiares na educação infantil**. 2015. 119 f. (Monografia) Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechin/RS, 2015.

PEREIRA, Rochelle de Negreiros. **Literatura infantil e a representação familiar nas obras do acervo complementar distribuídas pelo MEC/FNDE para as turmas de ensino do ano 3 do primeiro ciclo - PNLD–2013/2014/2015**. 2016. 57 f. (Monografia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PREZENSZKY, Bruno Cortegoso; MELLO, Roseli Rodrigues de**. Pesquisa bibliográfica em educação: análise de conteúdo em revisões críticas da produção científica em educação.** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 19, n. 63, p. 1569-1595, out./dez. 2019.

SILVA, Magdiel Júnior da; ARAÚJO, Ana Paula Marques de; VASCONCELOS, Tatiana Cristina. Literatura infantil como ferramenta de inclusão modelos familiares homoparentais. *In*: Poisson (Org.). **Educação no Século XXI - Volume 16: Diversidade, Responsabilidade Social**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Poisson, 2019. v. 16, cap. 3, p. 23-29. E-Book. ISBN 978-85-7042-111-1. DOI 10.5935/978-85-7042-111-1. Disponível em: https://poisson.com.br/2018/produto/educacao-no-seculo-xxi-volume-16-diversidade-responsabilidade-social-2/. Acesso em 18 set. 2021.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala se aula:** da Teoria Literária à Prática Escolar. PPGL – UFPE (V – Melhores Teses e Dissertações). Anais do Evento PG Letras 30 Anos Vol. I (1): 514-527, 2003, p. 514-527.

SILVA, Otoniel Machado da; [et al.]. **Introdução aos estudos literários**. João Pessoa: IFPB, 2014, p.75 – 91.

XIMENES, Sérgio. **Dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Ediouro Publicações S.A, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via atlântica nº 14 dez/2008, p. 11-22.

APÊNDICE A – Mapeamento de obras literárias infanto-juvenis com representações de famílias homoparentais no período de 2010 a 2021

	Título	Autor(a)	Ilustrador(a)	Ano / País	Idioma	Editora
1	A Tale of Two Daddies.	Vanita Oelschlager.	Kristin Blackwood, Mike Blanc	Estados Unidos, 2010	Inglês	Vanita Books
2	The Great Big Book of Families	Mary Hoffman.	Ros Asquith	Reino Unido, 2010	Inglês	Frances Lincoln Children's Books
3	The Popularity Papers: Research for the Social Improvement and General Betterment of Lydia Goldblatt and Julie Graham-Chang	Amy Ignatow.	-	Reino Unido, 2010	Inglês	Harry N. Abrams
4	A Tale of Two Daddies.	Vanita Oelschlager.	Kristin Blackwood, Mike Blanc	Estados Unidos, 2010	Inglês	Vanita Books
5	Donovan's Big Day	Lesléa Newman.	Mike Dutton	Estados Unidos, 2011	Inglês	Tricycle Press
6	Playground: A Mostly True Story of a Former Bully. Curtis "50 Cent"	Jackson, Laura Moser	-	Estados Unidos, 2011	Inglês	Razorbill/ Penguin Group
7	The Purim Superhero	Elisabeth Kushner	Mike Byrne	Estados Unidos, 2012	Inglês	Lerner Publishing Group
8	The Year of Billy Miller	Kevin Henkes	Kevin Henkes.	Estados Unidos, 2013	Inglês	Greenwillow Books
9	A Crow of His Own	Megan Dowd Lambert.	David Hyde Costello	Estados Unidos, 2014	Inglês	Charlesbridge
10	The Misadventures of the Family Fletcher	Dana Alison Levy	-	Estados Unidos, 2014	Inglês	Random House Children's Books
11	The Christmas Truck	J. B. Blankenship	Cassandre Bolan	Estados Unidos, 2014	Inglês	Narra Garden LLC
12	Two Dads	Carolyn Robertson	Sophie Humphreys	Reino Unido, 2014	Inglês	Sparklypoo Publications
13	Families	Shelley Rotner and Sheila M. Kelly.	Shelley Rotner	Estados Unidos, 2015	Inglês	Holiday House
14	Families, Families, Families!	Suzanne Lang	Max Lang	Reino Unido, 2015	Inglês	Penguin Random House
15	One Family. George Shannon	George Shannon	Blanca Gomez	Estados Unidos, 2015	Inglês	Farrar, Straus and Giroux (BYR)
16	Rumple pimple	Suzanne DeWitt Hall	Kevin Scott Gierman	Estados Unidos, 2015	Inglês	Amazon Digital Services LLC - KDP Print US

17	Stella Brings the Family	Miriam B.Schiffer	Holly Clifton-Brown	Estados Unidos, 2015	Inglês	Chronicle Books LLC
18	Over the River and Through the Woods	Linda Ashman.	Kim Smith	Estados Unidos, 2015	Inglês	Sterling Children's Books
19	Menagerie	Carolyn Robertson	Patricia De Villiers, Trish De Villiers	Reino Unido, 2015	Inglês	Sparklypoo Publications
20	Captain Underpants and the Sensational Saga of Sir Stinks-A-Lot	Dan Pilkey	Dan Pilkey.	Estados Unidos, 2016	Inglês	Scholastic Australia
21	Family Is a Family Is a Family	Sara O'Leary	Qin Leng	Estados Unidos, 2016	Inglês	Groundwood Books Limited
22	Keesha's South African Adventure	Cheril N Clarke and Monica Bey-Clarke.	Julia Selyutina	Estados Unidos, 2016	Inglês	Dodi Press
23	Home at Last	Vera B. Williams	Chris Raschka, Vera B. Williams	Estados Unidos, 2016	Inglês	Harper Collins
24	The Best Man	Richard Peck	-	Estados Unidos, 2016	Inglês	Penguin Young Readers Group
25	Baby's First Words	Stella Blackstone, Sunny Scribens	Christiane Engel	Reino Unido, 2017	Inglês	Barefoot Books Limited
26	Blanket of Love	Alyssa Satin Capucilli	Brooke Boynton-Hughes	Estados Unidos, 2017	Inglês	Little Simon
27	Harini and Padmini Say Namaste	Amy Maranville	Tim Palin	Estados Unidos, 2017	Inglês	Mascot Books
28	Littles: And How They Grow	Kelly Di Pucchio	AG Ford	Estados Unidos, 2017	Inglês	Random House Children's Books
29	Pickles + Ocho	Dan Wellik	Tou Yia Xiong	Estados Unidos, 2017	Inglês	Beaver's Pond Press, Incorporated
30	The Adventures of Honey & Leon	Alan Cumming	Grant Shaffer	Estados Unidos, 2017	Inglês	Random House Children's Books
31	This Would Make a Good Story Someday	Dana Alison Levy	-	Reino Unido, 2017	Inglês	Random House Children's Books
32	Grace for Gus	Harry Bliss	Harry Bliss	Estados Unidos, 2018	Inglês	Harper Collins
33	Harriet Gets Carried Away	Jessie Sima	Jessie Sima	Estados Unidos, 2018	Inglês	Simon & Schuster Books for Young Readers
34	Plum	Sean Hayes	Scott Icenogle	Estados Unidos, 2018	Inglês	Simon & Schuster Books for Young Readers

35	The True Adventures of Esther the Wonder Pig	Steve Jenkins, Derek Walter, Caprice Crane	Cori Doerrfeld	Hong Kong, 2018	Inglês	Little, Brown Books for Young Readers
36	All Are Welcome	Alexandra Penfold	Suzanne Kaufman	Reino Unido, 2019	Inglês	Bloomsbury Publishing
37	All Families Invited	Kathleen Goodman.	Jo Edwards	Estados Unidos, 2019	Inglês	Kathleen Goodman Counseling Pllc
38	A Plan for Pops	Heather Smith	Brooke Kerrigan	Austrália, 2019	Inglês	Orca Book Publishers
39	Family Is A Superpower (DC Super Heroes)	Michael Dahl.	Omar Lozano	Estados Unidos, 2019	Inglês	Capstone Editions
40	I Promise	Catherine Hernandez.	Arsenal Pulp Press	Canadá, 2019	Inglês	Arsenal Pulp Press
41	My Two Dads and Me	Michael Joosten	Izak Zenou	Estados Unidos, 2019	Inglês	Random House Children's Books
42	My Two Mommies and Me	Michael Joosten	Izak Zenou	Estados Unidos, 2019	Inglês	Random House Children's Books
43	The Little Red Stroller	Joshua Furst	Katy Wu	Estados Unidos, 2019	Inglês	Penguin Young Readers Group
44	An Ordinary Day	Elana K. Arnold	Elizabet Vukovic	Estados Unidos, 2020	Inglês	Beach Lane Books
45	Mighty May Won't Cry Today	Kendra Ocampo, Claie-Voe Ocampo	Erica De Chavez	Estados Unidos, 2020	Inglês	Bunny Patch Press
46	Our Subway Baby	Peter Mercurio	Leo Espinosa	Estados Unidos, 2020	Inglês	Penguin Young Readers Group
47	Papa, Daddy, and Riley	Seamus Kirst	Devon Holzwarth	Estados Unidos, 2020	Inglês	American Psychological Association
48	Plenty of Hugs	Fran Manushkin, Casey Holloway	Kate Alizadeh	Estados Unidos, 2020	Inglês	Penguin Young Readers Group
49	The Bread Pet: A Sourdough Story	Kate De Palma	Nelleke Verhoeff	Estados Unidos, 2020	Inglês	Barefoot Books
50	Two Hens and A Chick.	Mikayla Denault	Mikayla Denault	Estados Unidos, 2020	Inglês	Salt Water Media, LLC
51	Who's Your Real Mom?	Bernadette Green	Anna Zobel	Austrália, 2020	Inglês	Scribe Publications
52	Havdalah Sky	Chris Barash	Sarita Rich	- 2021	Inglês	Harold Grinspoon Foundation
53	Love Makes a Family.	Sophie Beer	Sophie Beer	Reino Unido, 2021	Inglês	Little Tiger Press Group
54	¿Cómo llegué a este mundo?	Darío Fernández	Darío Fernández	2013, Argentina	Espanhol	Molinos de Viento
56	Anita y sus dos mamás	Darío Fernández	Darío Fernández	2010, Argentina	Espanhol	Molinos de Viento

56	Mi vestido de lunares	María Victoria Pereyra Rozas	Fernando Belisario	2013, Argentina	Espanhol	Librería de las Mujeres
57	Se me pegaron los fideos	María Victoria Pereyra Rozas	Fernando Belisario	2010, Argentina	Espanhol	Librería de las Mujeres
58	Mi conejo Mirlo	Sofía Olguín	Lyn Chan	2013, Argentina	Espanhol	Bajo el Arcoíris
59	De familia en familia	José Nesis y Paula Szuster	Vários	2014, Argentina	Espanhol	Iamiqué
60	¡Mi familia es de otro mundo!	Cecilia Blanco	Daniel Lowy	2013, Argentina	Espanhol	Uranito
61	Nicolás tiene dos papás	Leslie Nicholls y Ramón Gómez	Roberto Armijo	2014, Chile	Espanhol	Movilh
62	Luanda, Lua Edição	Marta Morgado	Marta Morgado	Portugal, 2012	Português	Surd´Universo
63	Primeiro Nasci no Coração	Luís Amorim	Pedro Rosa	Portugal, 2013	Português	Associação ILGA
64	A Vila das Cores	Bruno Magina	Carolina Figueira	Portugal, 2014	Português	Escritório Editora
65	A Minha Família é a Melhor do Mundo. E a Tua?	Joana Miranda, Luís Romano e Sofia Neves	Luís Romano	Portugal, 2016	Português	Isto é Editora
66	Sete Dias de Verão	Bruno Magina	Joana Santos	Portugal, 2016	Português	Edições Afrontamento
67	Viagem a Coimbra	Bruno Magina	Joana Santos	Portugal, 2016	Português	Edições Afrontamento
68	Álbum de Famílias: Todas Diferentes e Especiais	Susana Amorim e Rute Agulha	Inês do Carmo	Portugal, 2017	Português	Booksmile
69	Olívia tem dois pais	Marcia Leite	Taline Schubach	Brasil, 2010	Português	Cia das Letrinhas
70	Meus dois pais	Walcyr Carrasco	Ana Matsusaki	Brasil, 2010/2017	Português	Ática, 1. Ed. / Moderna, 2. Ed.
71	Minha família é uma festa	Fernando Baptista	Remo Marini	Brasil, 2020	Português	Saíra Editorial
72	Mãe não é uma só, eu tenho duas!	Nanda Mat	Veridiana Scarpelli	Brasil, 2021	Português	Saíra Editorial